ANNO V
NUMERO 214

Para todos...

Dr. Theotonio Martins

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164 Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

MME. X. Y. Z. (Petropolis) — 1°, Devem passar, mal cessem os dias calmosos do verão; 2°, Não sabemos qual a da estréa; 3°, Póde bem ser; 4°, Ignoramos; 5°, Bébé Daniels com a Paramount.

SABETUDO (Rio) — Universal City, Calif.

LE'LE' (Rio) — 485 Fifth Ave. N. Y. C.

BATEBATE (S. Paulo) — E' de prever que sim. Nada podemos assegurar, entretanto.

CAROS XAVIER (Santos) — E' historia. Não se impressione.

DONO DO ARAME (Cataguazes) — Ambos da Universal. Gladys Walton e Hoot Gibson.

C. L. F. (Nictheroy) — Em "Humoresque": *Ma Kantor*, Vera Gordon; *Papae Kantor*, Dore Davidson; *Leon*, Bobby Connelly e Gaston Glass; *Esther*, Helen Connelly e Ann Wallick; *Baby Kantor*, Frank Mitchell; *Isidoro*, Joseph Cooper e Maurice Levigne: *Rudolph*, Alfred Goldberg e Edward Stanton; *Sol Ginsberg*, Louis Stern; *Senhorita Ginsberg*, Mirian Battista e Alma Rubens.

LALA MOREIRA (Santa Maria) — Tem 26 annos, é loura, de olhos azues, 1,62 de altura, 60 kilos de peso, divorciada. Não ha de que.

O'BELISCO (Santa Maria) — Com a Paramount, ainda. Não sabemos.

LAVRADIO (Rio) — Casado com Olive White.

J. SANTOS (Pederneiras) — Não sabemos senão do que se passa por aqui.

MANEQUINHO (S. Paulo) — Alice Brady ainda está com a Paramount— "Anna Ascends".

VAE COM AS OUTRAS (Curityba) — Viola Dana, Alice Lake, Billie Dove, Alice Terry, etc.

B. MATTOS (Baependy) — Que temos nós com isso?

MEU BEM (S. Geraldo) — Universal City, Calif. Casado.

VANINA (Belém) — Dizem as más linguas, nós não asseguramos.

F. SODRE' (Rio) — Gloria Swanson e Thomas Meigham.

VIVIANA OSBORNE (Parahyba) — Universal City, Calif.

SENHORA PRATES (Salvador) — Não conhecemos. Poucos informes se podem colher a respeito dos artistas europeus.

BELLEZETA (Recife) — 1°, Ate Abril mais ou menos; 2°, Ignoramos; 3°, 485, Fifth Ave. N. Y. C.

LINCOLN MELLO (Manáos) — Não temos outros informes a respeito, sendo provavel, entretanto, que nos escreva em breve.

SABINO BARRETO (Manáos) — Com a Universal; 2°, Ignoramos; 3°, Não conhecemos; 4°, Identica á primeira; 5°, Com a Paramount.

LASQUINHA (Rio) — Correu isso ha tempos, mas não se confirmou depois. Brevemente a verá. Não sabemos.

REIS PEIXOTO (Soledade) — 485 Fifth Ave N. Y. C.

VAPOROSA (Rio) — Póde perder as esperanças que nunca mais isso se dará.

SEU BENTO (Florianopolis) — Tem 29 annos e é casada. 25 cents., ouro americano, cada um. No Correio encontral-os-á á venda.

LOUCO POR DOT (Rio) — E' divorciada de Lew Cody.

VESPA DO IRIS (Rio) — Não conhecemos.

MLLE. TROUXINHA (Fortaleza) — 485 Fifth Ave N. Y. C. a primeira e 729 Seventh Ave. N. Y. C., a segunda.

ALAMBICADO (Victoria) — De que alambique me sahiu o senhor? São coisas que toda gente sabe.

MELROSADO (Rio) — Tem 18 annos apenas. Não, até o momento de escrevermos esta. Póde ser.

ELLA & ELLE (Friburgo) — 1° Ha de tudo; 2°, Ninguem pode garantir; 3°, Consta que passará. 4°, Não sabemos; 5°, Universal.

MELLIFLUO (S. Paulo) — Em breve verá satisfeitos os seus desejos.

MME. COSQUENTA (Pirahy) — Não conhecemos.

MISS VENTOINHA (Petropolis) — Já, não. Mais tarde pode ser. Não, nem tudo que luz é ouro. Infelizmente.

CRUZ & SILVA (Santos) — Vamos procurar satisfazer os seus desejos, mas com tempo.

BENTINHO (S. Maria) — 485 Fifth Ave. N. Y. C. Não conhecemos a outra. Bem.

✣ ✣ ✣

"The famous Mrs. Fair" é uma das ultimas producções da Metro, dirigida por Fred Niblo, marido de Enid Bennett e interpretada por Marguerite de la

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
Um anno (Serie de 52 ns.) 48$000
" semestre (26 ns.) . . . 25$000
Estrangeiro . . . . 60$000

PREÇO DA VENDA AVULSA
No Rio ....
Nos Estados .... } 1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131.

Succursal em S. Paulo. Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 3832. Caixa Postal Q.

Para todos...

Os Films da Semana

Como ainda no nosso ultimo registro observamos, a profanação da Avenida entrou, sem duvida nenhuma, pela escolha de *films* baratos. E' preciso agora não se deixar illudir, pelo berreiro dos cartazes, o frequentador incauto. Os exhibidores não pódem atirar ao *écran* as producções caras. Até que terminem os festejos carnavalescos que já se annunciam por todos os bairros e as *batalhas* da Avenida, o cinema não tem outro recurso senão guardar para depois os bons *films*.

E' justo.

E, quasi perdoamos, por isso, a Empreza do Odeon que nos offereceu "A Biblia." Esta producção italiana que parece nos ter vindo como propaganda de algum notavel jardim zoologico é de um ridiculo completo. No *film* não foi esquecido o menor detalhe para fazer rir. Desde um maluco que finge de Adão caminhando sempre de costas, engraçadissimo, até a construcção da Arca de Noé, toda feita de palitos, a gente ri a bom rir... Como comedia, "A Biblia" interessa e faz-se applaudir.

Sahindo do *ecran*, "A Biblia" foi substiada por uma reprise feliz "Noivado tragico" de Florence Reed, que a nossa platéa já conhece bem.

No Palais tambem tivemos uma *reprise* "Sodoma e Gomorrha" que não podendo agarrar o publico no Lyrico, veio procural-o na Avenida.

Tambem na Avenida o publico não apparece para o grande trabalho allemão

E assim, sem nada de mais para ver nos programmas de maior reclame, foi o publico consolidado pelo que passou nos outros cinemas da grande arteria. Tivemos *films* de rasoavel valor no Avenida, principalmente "Desconfiae dos homens" como Dorothy Dalton, "Diabo ao leme," no Pathé, "Questão de correr" bôa comedia da Goldwyn, no Parisiense e até no Central Alma Rubens causou interesse no *film velho* da Triangle "Alma em flôr."

E' preciso notar que nenhuma novidade nem mesmo do motivo, salvo talvez "Diabo ao leme" se encontra nessas producções que são fracas, entretanto podem ser vistas com algum agrado, compensando o preço da entrada.

OPERADOR N. 3

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 8 a 14 DE JANEIRO DE 1923

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLASSE
Vay	Odeon	A Biblia (La Biblia)	Michel Degirys	1921	... 0 ...
Paramount	Avenida	Força de seducção (For the defense)	Ethel Clayton, Vernon Steel	1922	... 5 ...
Paramount	Avenida	Desconfiae dos homens (The Womam who Walked Alone)	Dorothy Dalton, Wanda Hawley, Milton Sills	1922	... 6 ...
Fox	Pathé	Falsa accusação (Calvert's Valley)	John Gilbert, Sylvia Breamer	1922	... 5 ...
Goldwyn	Parisiense	Questão de correr (Going some)	Cullen Landis, Ethel Gray Terry, Walter Hiers	1920	... 6 ...
Realart	Parisiense	Passado que revive (Midnight)	Constance Binney, Jack Mulhael	1922	... 5 ...
Triangle	Central	Alma em flor (The Ghost Flower)	Alma Rubens	1918	... 5 ...
?	Palais	A voz do coração	Graziella Campobello	1922	... 3 ...
Sascha	Palais	Sodoma e Gomorrha	Lucy Doraine, Michael Varkonyi	Rep.	
Pionner	Odeon	Noivado tragico (Wives of men)	Florence Reed, Frank Mills	Rep.	
Ass. Exh	Pathé	Diabo ao leme (When the Devil Drives)	Leah Baird, Richard Tucker	1922	... 6 ...
Universal	Ideal	A desfilada (Ridin' Wild)	Edward (Hoot) Gibson, Edna Murphy	1922	... 5 ...
Goldstone	Ideal	O gato bravo (Wildat Jordan)	Richard Talmadge	1922	... 5 ...
?	Paris	Erro dos paes	Edith Meller, Charles W. Kaiser	?	... 4 ...

Motte, Helen Ferguson, Carmel Myers, Huntley Gordon, Cullen Landis e Ward Crane.

✣ ✣ ✣

"Mignon", segundo Goethe, foi recentemente filmada pela Cela Film.

✣ ✣ ✣

"Bigamia", segundo Tolstoi, foi filmado pela Aalthoff-Ambos-Film.

✣ ✣ ✣

Com William Farnum, em "Without compromise", trabalham Lois Wilson, Tully Marshall e Robert Mac Kim.

✣ ✣ ✣

MABEL NORMAND voltou de Paris, onde, no Hotel Crillon, recebeu um grande numero de representantes das principaes casas de moda.

Uma quantidade enorme de modelos e manequins desfilou deante della.

Lindos chapeus e modernos sapatos foram mostrados, tambem. Mabel adquiriu um "stock" formidavel.

Tambem, não é para menos: o seu salario é de oitocentos dollars por semana...

✣ ✣ ✣

JOHN CARR, filho de Mary Carr, appareceu em "The Go Gelter" film da Cosmopolitan.

FRANCIS FORD tem trabalhado na Fox, ultimamente.

Em "The Village blacksmith", e em "The boss of champ 4", de Charles Jones, elle toma parte.

✣ ✣ ✣

MARIE PREVOST deixou a Universal.

✣ ✣ ✣

"The Jilt" é um novo film da Universal, em que figuram Ralph Graves, Matt Moore e Marguerith da la Motte.

✣ ✣ ✣

Vincent Coleman casar-se-á brevemente com Marjorie Grant.

✣ ✣ ✣

Rex Ingram vae filmar "Scaramouche" de Rafael Sabattini.

✣ ✣ ✣

EDITH ROBERTS é a princial artista em "Iwill", da Vitagraph.

✣ ✣ ✣

Em "The White Flowers", Betty Compson faz o papel de uma mestiça hawaiana.

✣ ✣ ✣

Douglas Mac Lean foi contractado para fazer quatro films para a "Associated Exhibitors".

Eva Novak trabalha com Jack Holt em "The tigre's Claw".

✣ ✣ ✣

Monte Blue foi contractado pela Warner brothers. O seu primeiro trabalho será em "Main street".

✣ ✣ ✣

Antonio Moreno é o galã de Mary Miles Minter em "The mail of the Lonesome pine" da Paramount.

✣ ✣ ✣

Gloria Swasnon está trabalhando em "Prodigal daughters", secundada por Ralph Graves, Theodore Roberts, Charles Clary e Vera Reynolds.

✣ ✣ ✣

Grandma's girl, comedia de Bagy Peggy, está custando para terminar. Primeiro era a estrella que estava com pneumonia, e agora é o director Alf. Laulding.

Emquanto isto, ella trabalhará em *The flower girl* e Joe, um dos irmãos Moore, toma parte.

✣ ✣ ✣

A Arrow reuniu em "Jacqueline", Lew Cody, Marguerite Courtot, Edmund Breese e Paul Panzer, actor que já aqui esteve em S. Paulo, negociando café. Aliás, uma cousa que pouca gente sabe...

A andorinha crucificada

'Nessa manhã de outomno melancolico, o Principe, apertando contra o brial a espada generosa, desceu dos pincaros de basalto onde o castello luzia como um São Graal precioso. Depois, de novo erguida a levadiça, com o seu cortejo fiel de ricos homens, cavalleiros, donzeis, monges, alfaqueques, peões, almogaraves, mendigos e até leprosos, quasi num exercito mystico em cuja reçaga seguiam carros, rocins, azemolas e andas carregando uchotes, arcas, alforjes, lambeis, colgaduras, cafis, almadraques, alparavazes, marlotas, pelotes, armas e trigo, sob o vozerio dos coudeis e egua-riços, desceu, caminho de longinquos condados, em missão de guerra e amor.

Então a infanta, tomada de saudades, toda vestida de longo velludo lithurgico, subiu a torre albarrã, debruçou-se sobre a açoteia, e estendeu os suavissimos braços em direcção da estrada que as oliveiras entristeciam...

E começou a chorar vendo o cortejo estranho. O seu Bem Amado senhor á frente dos condes e dignatarios, com o guião azul esquartelado erguido, luzindo, ao sol convalescente. E almafres, arnezes, fains, ascunas, virotões, gorguzes, adagas, loudeis de sirgo, solhas, balsões, estandartes com caldeiros, falcões e motes ousados, dos dos cavalleiros e infanções, misturados aos capellinos, cossolletes, sendaes, samarras, estamenhas, jorneas e cogulas dos frades, labrostes, mendigos e creanças enchiam as estevas e adarços do campo, junto a estrada, dum insigne colorido, como nos scenarios das epopeias.

Nas aulas e parques, os momaros e os truões, com violas e bandurras, doneando airosamente, pretenderam suavisar a magua da infanta. Os cysnes, os pavões, os galgos e os açores amestrados, redobraram de amoroso zelo, enchendo de jovial alarido os pateos, os lagos, os claustros, as camaras e até mesmo os ergastulos do Paço.

Mas, á medida que, em lufadas tristes de funeral humilde, as folhas amarellentas iam cahindo sobre o mosaico dos balcões rendilhados, a infanta começava a enlouquecer serenamente...

Franzina e loura, as duas tranças colleando entre os seios castos, toda de azul-solferino desde o collo aos chapins, numa tunica de grecisco, pelas galerias e terraços, desde a capella ao pavilhão de falcoaria, a louca, num feitio estatico e somnambulo de andar de ave aquatica, ora sorrindo mansamente e, ora accendendo um odio bizarro no rosto de porcellana viva, começou a falar, em tom de ballada palaciana, que o seu esposo e senhor, como um cavalleiro de São Graal, indo travar peleja em longes liças, por lá se perdera, como as andorinhas de Linguadoc, que, ás vezes, fugindo para os mares da Sicilia não tornam mais ao bemdito beiral nativo...

A' noite, sob o céo polvilhado de astros poeirentos, sob a piedade das cousas mudas, desde a larga ponte levadiça até o adro dos tumulos de marmore, a infanta, de olhos estagnados como a tona dos marneis, arrastando a cauda das roupagens suaves, o dorso nervoso, a cintura movel, a escarcella tintulante, o quadril colleante, com o seu bôbo corcunda, ao lado, tangendo a mandolina estridente, falava do seu bem-amado que, numa manhã de nevoeiros plumbeos, se fôra vestido de aço, num grande murzello colgado de pannos roxos com uma grande flôr de Lys ao centro...

E a lua, da côr pallida das hostias, como uma aia nutriz, muito boa e muito piedosa, seguia sempre a louca...

Não se sabe porque o principe nunca mais voltou ao seu castello... Os ricos-homens, varões dos burgos talvez morressem nas investidas. Os cavalleiros, vestidos de escamas de aço, talvez se prendessem aos encantos das donas daquellas terras distantes... Os donzeis, talvez postulassem, em abbadias, para vestir o habito e cingir o gladio das Ordens... Os pagens talves seguissem valorosos amos. Os mendigos, das samarras rotas e estamenhas sujas, talvez rojassem as chagas e a humildade nos degrãos das estalagens caridosas. Os monges, as cogulas sobre o rosto, talvez peregrinassem pelas viellas e congostas e betesgas, nas arribas do mar longinquo...

Então, cada vez mais a infanta, no seu dulcissimo delirio, começou a percorrer as salas d'armas, as bibliothecas e as alfurjas do castello sinistro, chorando como as doces ovelhas a quem roubam as crias.

Mas, ao findar o outono, quando maiores se estenderam as nevoas pelo valle, quando os platanos, os freixos, os choupos e os castanheiros de todo abanaram os galhos nús, aconteceu que um dia, na hora malva de um crepusculo ancioso, inesperadamente, uma andorinha muito meiga atravessou a ogiva, bateu as azas, de encontro ao vitral tryptaico, tonteou e cahiu no genuflexorio de carvalho da cella da Infanta... A louca tomou a andorinha, toda azul e macia, entre as mãos bellissimas de martyr...

Nesse tempo todas as andorinhas deviam, em colonias timidas ,estar veraneando em terras de Africa, lá para o sul, além do Meditarraneo, no beiral escuro dos aduares e cabildas dos agarenos... Por isso a infanta, na sua idéa brumosa, cuidou que aquella devia ser a alma docil e saudosa do principe... Riu, deu longas gargalhadas, olhando-lhe os olhinhos vivos, o peito suave, as azas elegantes, o bico em fórma de galera diminuta como os palandrias do mar Egeu. O coração da mensageira pulsava sob as pennas de um modo tal que o seu rumor lembrava uma concha dos mares interiores...

A louca, teve um sobresalto. Baixou as palpebras violaceas, mirou em seguida um crucifixo de ebano na tristeza de um altar de linho. Riu de novo; ficou séria. Quiz chorar. Encarou a andorinha... Ah! Era elle... era bem elle, de certo: aquelle coração era o seu... Passeou pela galeria longo tempo acariciando o mimoso entesinho...

Embalde emissarios, almocadens, uns por dedicação, outros ao preço de zagalotes, maravedis, arcas flamengas de tecidos e promessas de sesmarias, despindo os gibões de guardalates e apertando a musculatura heroica e mercenaria nos arnezes, coxoes, ferragoulos, bacinetes, avambraços e viseiras, com lorigas, alfanges e espadas tudescas, derreados no arção das sellas tavarenhas, em murcellos, hacaneias, facas e ginetes, de burgo em burgo, de terra em terra, lendo membranaceos avisos em letra tabelliôa, a entrada de cidades e condados, desde a Liga das Cem Cidades, atravessando Moguncia, o Palatinado, Brandeburgo, os castellos da Dieta, até Franceforte, desde a Flandres, o Brabante, a Ilha de França, o Artois, a Thuringia, os Alpes, até a Neustria e a Borgonha, desde Savoia, o Veneto até Napoles e o Oriente, em cavalgadas continúas através de florestas e almurinhos, uns, outros visitando portos de Hespanha Portugal e Algarve, e em bergantins e caravellas, longos mezes a bordo, encostado ás gaveas, bastardas, burdas, procuraram o Infante que, dizem codiges monacaes, seguira de Clermont Ferrand para a cruzada, ao lado de Godofredo. Embalde voltaram, rotos, tropegos, sem saber novas, apenas, trazendo de principes e papas, joias de airão, azabas de perolas, axorcas e offerendas toscanas tendo até aprendido dialetos aljamias e algaravias pelas serras que atravessavam.

Falou-lhe da saudade com grande eloquencia... Falou-lhe do amor com grande carinho... Perguntou-lhe que terras o tinham arredado do seu principado incomparavel, onde os valles, as serras, os rios, as searas, os burgos, tudo parecia dom de Deus...

Eis, porém, que a andorinha entrou a debater as azas, com furia, espaventosamente forçando os dedos que a apertavam á uma flexão irosa.

Então a infanta, com os olhos marejando dagua, o rosto oval cheio de martyrio, a bocca semi-aberta, as narinas nervosas, teimou em prender a andorinha que cada vez mais se enrolava na polpa das mãos com intento de liberdade.

Enraiveceu-se a infanta. Queria, pois, deixal-a, assim, esse coração por quem perdera a serena razão ? ! Teimava, pois, em voltar ao destino aventureiro dos outros condados esse principe azul de roupagens macias e tepidas ? !... Ousava pois tentar vôo embora dez dedos nervosos o prendessem na teia de um carinho mansissimo !... Era pois um reptil asqueroso o que ella cuidava ser uma ave do céo ? !....

Prendeu então na mão esquerda a andorinha irrequieta, caminhou até a grande arca da camara. Abriu o feixo, escancarou o grande cofre entalhado do marfim. Procurou o estojo de ouro, bysantino. E, com maldoso prazer, quasi voluptuosamente escolheu tres alfinetes finissimos com estranhas cabeças de esmeralda, opala e topazio...

Abriu o livro de Horas, deante da janella. O ar, lá fóra, glacial e fino enchia de tristeza os largos gramados, os repuxos e as estatuas de divindades núas...

O funeral das folhas continuava, sob as lufadas plangentes do vento... Das muralhas e rocas dos cabellos escorria o inverno recem-chegado. A vista mal distinguia as coutadas de caça, no declive sensual das collinas. Dos fossos, ao redor das alas negrejantes do muro de parallelogramos cheios de nevoa, subia uma tenue fumaça : a alma da agua soffrendo... O céo baixo, concavo, como uma tiara de cathedral immensa, predispunha ao recolhimento das grandes melancolias.

Muito, muito mais triste que a natureza era a alma da Infanta, quando, sobre o missal austero, abriu as azas da andorinha, cravando na nervura tenue, entre o osso delicado e a carne rosea um alfinete ponteagudo, assim, assim, lentamente...

Muito mais triste que o céo e que o inverso, era o olhar da Louca quando, sobre o madeiro, juntando os pés tremulos da avezinha, cruzando-os um sobre o outro, os perfurou, inclinando devagar... devagar, o terceiro alfinete de ouro, até craval-o na fibra do missal, assim...

A andorinha crucificada começou então, na sua rudimentar linguagem, a maneira dum canto, em suaves queixumes, a pedir misericordia.

— Meu pobre e amantissimo Jesus !... Meu pobre Jesus !...

Poz-se então a andorinha azul, de azas abertas e pequenos pés cruzados, a olhar tristemente os olhos da Louca. Parecia lembrar-se do ninho na torre da cathedral gothica, lá, entre as gargulas hybridas e as nuvens, perto dum grande sino que as vezes, num delirio bizarro entrava a badalar, a badalar, com grandes lagrimas de som sobre a cidade que os invasores pilhavam, no refugio da noite propicia...

Parecia lembrar-se das grandes viagens, pelo céo da Provença, e do Delphinado, sobre os portos da Italia sagrada, em revoadas enormes, entre a colonia amiga, fugindo ao frio, buscando o littoral do Egipto adusto. E, crucificada com o corpo estendido sobre o missal austero, volvia dum lado e doutro a cabecinha airosa, a procurar o segredo, a razão daquelle glorioso martyrio que entre os homens tinha divinisado um delles...

Deante della a infanta, toda de brocado verde, rezava no livro de Horas, grandes versiculos latinos, soletrando com difficuldade as palavras lithurgicas. O Bobo corcunda, com um saio de guizos chocalhos e crotalos, bailava como um energumeno, arranhando com as unhas aduncas a bandurra de Damasco. Donas, cuvilheiras, aias, um velho conde com barbas de Moysés, e um timido frade de maneiras ductis, atraz dum taboleiro de xadrez, olhavam a scena, com estupor.

Veiu a noite. Na hora nona, quando a treva baixou aos reconcavos do castello, a andorinha, martyr e immaculada morreu... Pouco a pouco o leve corpo esfriou... A infanta desprendeu então os tres alfinetes de ouro com cabecinhas de esmeraldas, opalanda e topazio... O corpo frio se encarquilhou, tomando mais ou menos a fórma e o tamanho dum coração que muito tivesse soffrido neste valle de lagrimas...

Pediu então a Louca, em altos brados imperativos, que lhe trouxessem um tumulozinho, lindo como um sacrario e rico como um cofre, para depor o cadaver.

Obedeceram aos seus rogos. O mordomo e as donatas trouxeram um cofre de um palmo, forrado de setim e rendas flamengas. O frade benzeu o pequeno mauzoléo. As aias deitaram-lhe perfumes e petalas de goivos. O velho conde de barbas biblicas acariciou o corpo, ungiu-o com balsamos olorosos, fechou de encontro ao peito branco as azas sangrentas, beijou a cabeça mimosa e fria, e depoz a andorinha no estojo de ouro, marfim e pedras preciosas.

A Louca fechou o cofre. Sellou-o com o seu firmal de cabelleira, para que ninguem dora avante profanasse aquelle martyr que sendo um Principe de sangue real, muito amado e muito ingrato, agora ia dormir na nave da capella, entre os antepassados heroicos, sob a fórma fantastica e delicada duma andorinha azul...

Esguia, solemne, arrastando pelos tapetes e escadarias a cauda farfalhante da tunica de ciclatão de seda, as mãos em fórma de concha, a Louca seguiu, a passo lentamente, seguida pelas aias, donas, cuvilheiras, servos e creanças até o altar da capella, no fundo da ala longinqua do castello cimeiro... Lá fóra no punhal, um estribeiro com a sua cornamusa bucolica chamava os cães á caça.

E a Louca seguiu... O cofre lhe tremia nos dedos affilados... As lagrimas, grossas e quentes, duas a duas, roçavam a porcellana viva do seu rosto bellissimo... escorrendo-lhe pelo collo de graça...

O cortejo atravessou os salões onde os supedaneos, doceis, colgaduras e tabuas de mosaico, as chaminés e as pendulas exhallavam guerras e glorias; atravessou as galerias de moveis seculares, pesados e tristes; atravessou as camaras de doceis graves e oratorios brancos: chegou, emfim, á capella onde o orgãm espargia toda a tristeza estrangulante duma musica sublime... Na nave, os tumulos brilhavam... A Louca depoz num degrau, deante dum sarcophago de calcareo branco, o estojo de ouro, marfim e pedras preciosas. Dois cadelabros dramatisavam o recinto...

Depois, candida, serena, de olhar bemdito e ingenuo, fixando o cortejo caridoso que a acompanhara na sua loucura tacita, num tom de ballada palaciana, explicou que o seu Esposo e Senhor, como um cavalleiro de São Graal, indo travar peleja em longe liças por lá se perdera... mas, como as andorinhas do Linguadoc que, ás vezes fugindo para os mares da Sicilia se tomam de saudade e voltam, regressara ao seu castello num tumulo de gloria, sob o pranto sincero e estrangulado dos seus ricos homens, cavalheiros, infanções, donzeis, monges, mendigos, coudeis, arrabileiros, menestreis e leprosos.

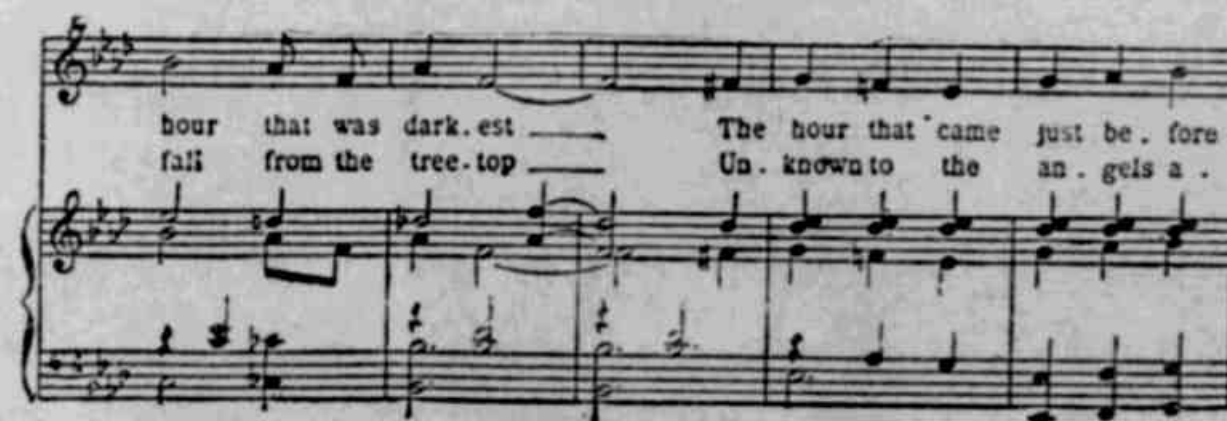
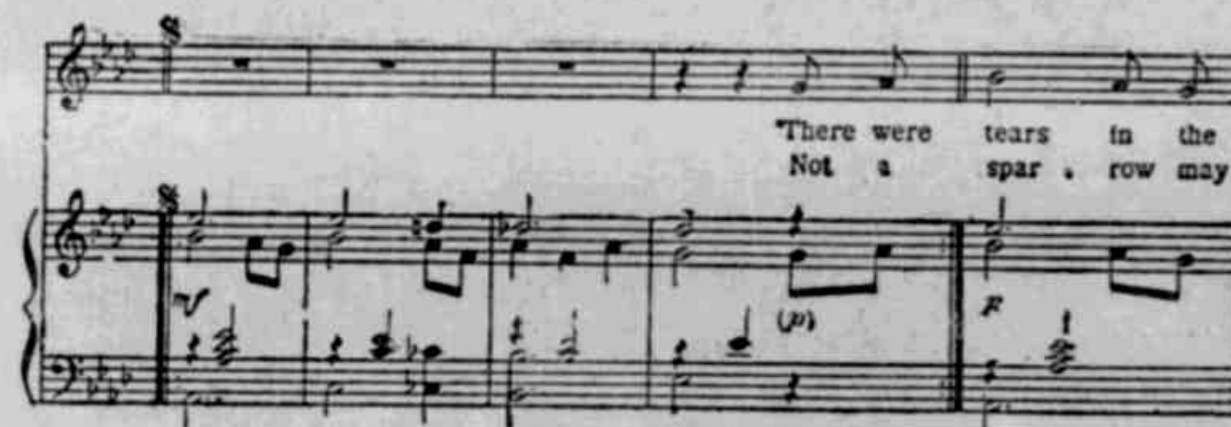
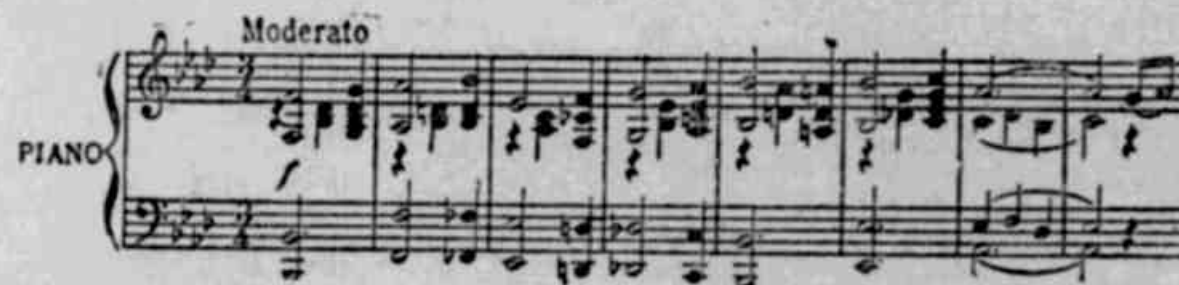
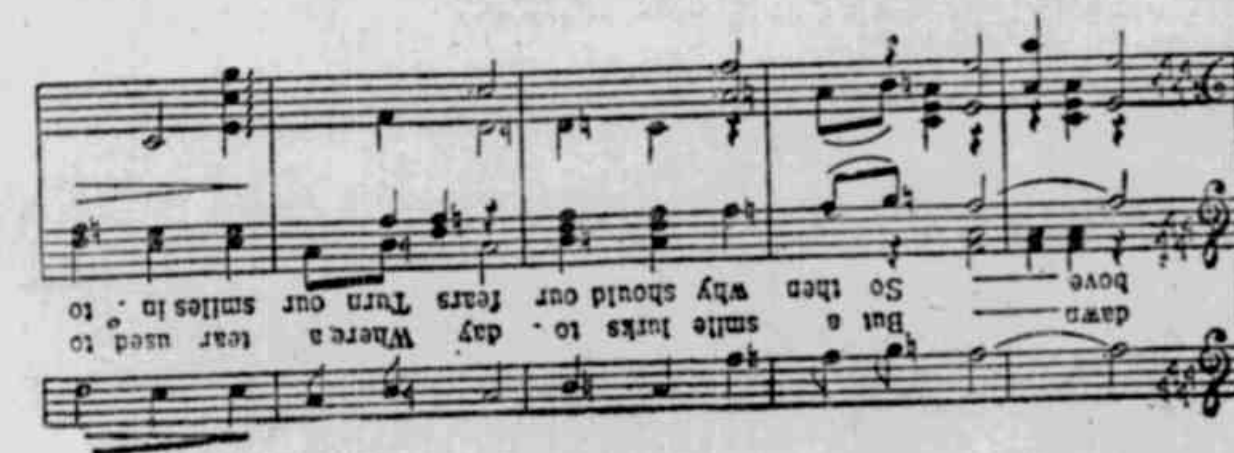
Paris, 1920.

JOSÉ GERALDO VIEIRA.

(Do livro "A Ronda do Deslumbramento", ha pouco apparecido, sob applausos unanimes).

HAND IN HAND AGAIN

FOX-TROT

RICHARD WHITING

Paratodos...
dawn But a smile lurks to - day Where a tear used to
bove So then why should our fears Turn our smiles in - to
stray And the cur - tain of dark-ness is drawn
tears Heav-en watch-es o'er all hearts that love
CHORUS
Ev' - ry heart is light er Ev' - ry smile is
bright er Sad "A - dieu" is chang - ing to "Hel-
lo" a gain Sor - row walk'd be-
fore us But a pray'r watch'd o'er us
We stray'd far but here we are Hand to
Hand A gain
gain
D.S.
p. f

A ARVORE

O DESTINO da arvore está de tal fórma identificado ao nosso que não devemos descurar do respeito, que nos merece tão desvelada Amiga.

Quer se consagre á feitura matinal de um berço, quer se applique á execução piedosa de um esquife; quer se empregue na obra christã de uma mesa, quer no trabalho voluptuoso de um thalamo; quer se transforme em poste, mastro ou quilha, para communicar os povos, através das terras e dos mares, quer em forca, para estrangular os reprobos; quer se transfigure em solio, para exaltar os eleitos, quer em cruz, para sagrar o soffrimento, a arvore é a materia prima de que se faz a indumentaria do destino humano.

A sua tacita imponencia, exprimindo o triumpho ascensional do humus, a fecunda unidade da Flora, o agasalho da sombra, a pureza do ar, a virgindade das florescencias e o designio cosmico da creação, pela esphericidade e constellação dos pomos, presuppõe o trabalho surdo da raiz, o esforço vertical da seiva, a dôr materna da terra, para germinar, para subir, para frondejar, para purificar, para florescer, para fructificar.

Não podemos prescindir do seu convivio e até da sua ascendencia moral. A nossa vida agridoce é o sabor do fructo prohibido, que encerrava o mysterio da progenie, fusão do bem e do mal, contraste fundamental da força creadora, na Arvore da Sciencia, Arvore do Paraiso, que a lenda biblica immortalisou com o prestigio emocional da Poesia, confidencia divina do Ignoto.

A arvore, portanto, é a genetriz da especie.

Notemos como lhe prestamos obediencia, mercê, talvez, do sub-consciente:

Arvore do Natal. Nella symbolisamos, com a doçura do sonho o inicio da redempção humana, commemorando o advento do christianismo no mundo.

Artocarpo, Arvore do Pão. Parece que partiu d'ella pela fórma e pelo saibo dos seus fructos, a suggestão manufactureira do sagrado sustento.

Arvore Genealogica. Tronco fecundante das estirpes. Devemos á sua imagem o discernimento ethnologico, na distribuição serial das familias.

Arvore Encyclopedica. Pauta da intelligencia. Foi, ainda, á sua imagem que os homens conceberam o quadro da concatenação systematica das sciencias.

Arvore da Vida. Até na formação do nosso craneo se revela a sua influencia, no cerebello, que se ramifica internamente, á sua semelhança.

Na maioria dos organismos industriaes, é ella que empresta o seu nome ao eixo principal — centro nervoso de onde irradia toda a sensibilidade dynamica do conjuncto.

Passando ao reino mineral, ainda é ella que vem corporificar o esplendor da materia inorganica — a crystallisação — na Arvore de Diana ou philosophica e na Arvore de Saturno.

E lembremo-nos, ainda, de que vem d'ella — Arvore do Brasil — o nome candente da nossa terra.

E não esqueçamos ainda, que ella é a patria do ninho e o ninho é a cellula do amor.

Veneremos, pois, esse sagrado symbolo de ascendencia, magestade serena da vida, relação eterna dos quatro elementos: exemplo maternal da terra; garantia da agua, pela sombra e pelo filtro das suas ramas; bemfeitora do ar; conservadora do fogo, pelo alimento, que lhe offerece.

Veneremos, pois, esse verdadeiro templo de todos os ritos, que se ergue, em todos os climas, e extende, por sobre todas as raças, indistinctamente, numa suggestão propiciatoria de universalidade a conformação visual da abobada celeste e estrellando-se de flores e de fructos, como o Céo se arquêa de sóes, por sobre a Terra.

LUIS CARLOS

...a belleza
DEVE CONSERVAR-SE AINDA DEPOIS DA JUVENTUDE — AQUELLA QUE E' "FEIA", TENDO PODIDO EVITAR A "FEALDADE", COMMETTEU UM "FEIO" PECCADO...
O ideal de um rosto bonito não é só a belleza da fórma, mas a limpeza da cutis, a ausencia de espinhas, manchas, escoriações, vermelhidões, cravos, póros muito abertos — A cutis deve ser bem unida, sem quasi perceber-se os póros, branca ou morena, conforme a pessoa porém, de um tom uniforme, limpa, sem mancha, sem pannos, sem asperezas, emfim, deve ter a semelhança da porcellana. Este é o segredo do CRÊME POLLAH — que transforma as cutis pouco agradaveis em rostos delicados, curando, modificando, unindo e devido a esse resultado, é que o CRÊME POLLAH da AMERICAN BEAUTY ACADEMY (Academia Americana de Belleza), está cada vez mais procurado em todo o mundo.
O CRÊME POLLAH encontra-se na Casa Grashley & C., Ouvidor, 58 e nas principaes perfumarias do Brasil — Remetteremos gratuitamente o livrinho Arte da Belleza, a quem enviar o "coupon" abaixo aos representantes da "American Beauty Academy" — Rua 1° de Março, 151 — Sobrado — RIO DE JANEIRO.
(PARA TODOS...)—Córte este coupon e remetta aos Representantes da American Beauty Academy — Rua 1° de Março, 151, Sob. — Rio de Janeiro.
NOME .... RUA ....
ESTADO .... CIDADE ....

ANNO V
NUMERO 214

Para todos...

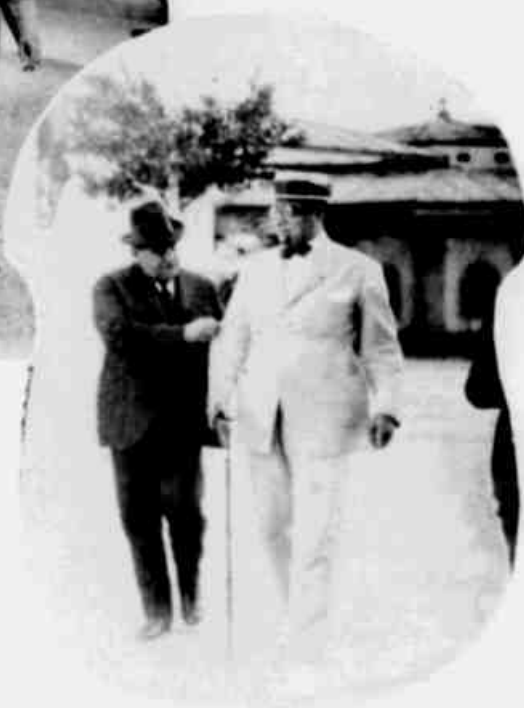
Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1923

MANEIRAS MÁS

A policia, que tambem é de costumes, resolveu prohibir o *ba-ta-clan* nas praias. Os delegados tiveram ordens sérias e, sériamente, as passaram adiante. Copacabana, por exemplo, ganhou, de repente, uma vigilancia extraordinaria. Tão extraordinaria, que diversas senhoras e senhorinhas protestaram contra a falta de civilidade dos guardas civis, delirantes no cumprimento do dever. Esses homens fardados collocavam-se entre o passeio e o mar, na areia sem preconceitos, e quando as banhistas se approximavam, envoltas em capas de seda ou de toalha, iam a ellas, com voz zangada, intimando-as a mostrarem de que geito estavam por baixo. E depois, dentro d'agua, os corpos não podiam mover-se em liberdade, nadar ao gosto de cada um, servir-se das ondas como bem desejassem. Os postos, em frente do oceano amavel, perderam a alegria. Pareciam, mal comparando, uma sala de restaurante vegetariano... Ora, aqui muito em segredo, e com licença do estado de sitio, não ha democracia que desculpe tamanha falta de boas maneiras... A cidade vive apinhada de gatunos. Os gatunos exercem a profissão espalhadissima em todos os bairros e a todas as horas. Não seria mais conveniente que os guardas civis fossem impedir assaltos e furtos, em vez de pararem no meio da gente civilisada, *bancando* a carroça dos cachorros da Prefeitura, que só apanha animaes de raça, com dono capaz de pagar multa, e deixa as ruas cheias de cães inconfessaveis ?... Eu imagino que seria... E é por isso, tambem, que dia a dia me torno mais aristocrata...

ROSA MARINA

DE SÃO PAULO

AS ULTIMAS CORRIDAS

Instantaneos apanhados no prado do Jockey Club Paulistano. A' direita, na ultima photographia, o Sr. Dr. João Rubião, director da elegante associação sportiva

THÉ-TANGO

Chá dansante no Gloria. A sala cheia.
— Meu Deus! Como a Cacilda hoje está feia!

Que vestido exquisito! E como pisa!
Parece um periquito. — A Vera e a Elisa

E' que vão dar a nota. Estão notaveis.
— Aquelles poetas são insupportaveis...

Já começam cortando... — Olha a maneira
De olhar do Dr. Alvaro Moreyra.

'Stá falando de nós. Diz cousas pretas
Ao outro, ao ban-ban-ban de costelletas.

— Queres tomar um cock-tail? — Passo.
Vamos passear um pouco no terraço?

— Não. A mamãe póde ralhar commigo...
— Tua mamãe me tem por inimigo.

— Olha a Maria como vae formosa.
Pequenino e subtil botão de rosa.

Já a ouviste recitar? A sua fala
Toma harmonia tal que nos embala.

Põe tão grande emoção na voz macia
Que os versos ganham nova melodia.

— E então, é meu o proximo rag-time?
— Não posso ainda. O proximo é do Jayme.

Talvez o quarto possa ser... — O quarto?
— Quer deixar-me, já sei. Sente-se farto.

Moi j'en ai marre aussi. Então, que espera?
— Espero apenas pela prima Vera.

Gosto das flores. — Cynico. E a pulseira
Que lhe emprestei? — Vou, de qualquer maneira.

Tiral-a hoje do prégo. Deu tão pouco...
— Não tem vergonha e está ficando louco.

— Como se chama este fox-trot, Mario?
— E' o Machinalement... — Extraordinario...

Como mexe com a gente... Como mexe...
— Que cheirinho de peixe de escabeche!

Vamos jantar aqui? — Acho imprudente...
— O Nobrega casou? — Provavelmente.

E vem morar aqui? — Nobrega é arisco
Mas falhou. Fica mesmo em S. Francisco.

— Bom camarada, de bom gosto, estheta.
Com aquelle pince-nez de bicycleta

A dansar no nariz... Bom camarada...
— Mas não fui eu. Eu não lhe disse nada.

Nunca se me passou pela cabeça...
E depois, esse amor não me interessa.

Que me importa que a Carmen goste delle
Ou deixe de gostar? Si ella o repelle,

Muito melhor para ambos... Je m'en fiche...
— Blagueur! Mas isto é apenas um pastiche

Do Dorian Gray, do Oscar Wilde! — Filha,
Todos nós repetimos. E' o estribilho

Eterno. A blague é sempre a mesma... Ria...
O Machado de Assis que não diria?

— Que eras apenasmente um bom cretino...
— E o Ronald? Esmagou Guanabarino.

— Sabes? A. D. Ruth anda pirronica:
Um poeta botou-a numa chronica.

— Numa? Em varias... — Que frivolo motivo..
Mulher é um traste bem decorativo,

Enche um canto de sala. Põe no ambiente
Notas sentimentaes. E' tão sómente

Por isso que as buscamos, para que ellas
Ponham nos nossos versos cousas bellas.

— Olha a Gabriella Fontes. Que sublime!
Com franqueza eu te digo: E' um grande crime

Deixar sózinha aquella rapariga.
Si não n'a queres, passa-me. E' uma espiga

Mas vale o sacrificio. Cheira a sandalo.
E' boa. Eu tomo conta. Mas, o escandalo?

— Tem irmãos que são tigres de bengala...
— Parece que ella vae sahir da sala.

Aproveita. Apresenta-me. — Gabriella,
Este é o Dr. Tancredo Villabella,

Foi secretario no Perú, na China
E hoje, tem uma pasta ali na esquina...

Conhece o mundo todo lá por fora...
— Tenho muito prazer, minha Senhora...

Dansa? Quer dar-me a honra subida? — Acceito.
Porque o senhor se dá com este sujeito?

Isto é podre. — E' verdade, é podre e triste.
Ahi está, senhores meus, em que consiste

Um chá feito com a maxima decencia,
Chá de bom gosto e de maledicencia...

JOÃO DA AVENIDA.

Lembrança da estadia do "az dos azes" de França, no Rio: Fonk entre Santos Dumont e o Dr. Linneu de Paula Machado

ORA ESTA!

O Sr. Virgilio Mauricio, muito joven ainda, sahiu da sua terra natal, a cidade de Maceió, á procura de uma vocação... Esteve aqui, foi a Paris, voltou, percorreu varios Estados, com e sem complicações, e, afinal, de novo na Europa, decidiu, de vez, ser pintor. Mas, pintor de differentes maneiras... confórme as maneiras dos autores dos quadros por elle mostrados... Não foi feliz. Houve um indiscreto que apitou, a multidão correu e, apezar da medalha adquirida no "Salon Officiel" da capital de França, ninguem mais levou a sério o pintor Virgilio Mauricio. O Sr. Virgilio Mauricio, então, resolveu fazer conferencias. A' primeira que fez, em Porto Alegre, outro indiscreto apitou, a multidão correu e a conferencia estava toda no livro de palestras de Gsell com Rodin... O moço sonhador, meio desilludido, fechou-se, longo tempo, num quarto do Hotel Avenida, meditando. Quando acabou de meditar, desceu á cidade, um dia, e, não se sabe porque, apanhou uma surra de bengala. Para quem appellar? Para a imprensa, naturalmente, refugio moderno das pessoas sem occupação. O Sr. Virgilio Mauricio entrou de reporter num vespertino. Deu para escrever noticias de anniversarios, casamentos, enterros, baptisados, festinhas em geral. Parecia, emfim, dentro da verdadeira vocação. E eis que, de repente, o inspector da Alfandega pede á Escola de Bellas Artes um perito para examinar umas télas do Sr. Virgilio Mauricio, abandonadas, ha dois annos, num armazem do Cáes do Porto. Lá voltou á voga o nome do pobre rapaz; resuscitaram pormenores antigos da biographia do mallogrado pintor... O diabo! E logo num tempo de calor como este tempo de janeiro! Com franqueza, o Sr. Virgilio Mauricio precisa benzer-se...

Senhorinha Lygia Soares Bulcão

◇

A MULHER IDEAL

Conheci um sujeito muito rico, que levou vinte annos a escolher uma mulher para sua esposa.

Todos os dias ficava num ponto estrategico, trabalhado pelas mesmas emoções, a observar as mulheres que passavam, aos bandos, pela rua.

Queria uma de corpo perfeito e de alma perfeita, que o decifrasse e fizesse de seu lar o santuario da Felicidade.

Desde os 18 annos que a procurava, como um louco, pela vida.

Por muito tempo, peregrinára pela terra, de olhos abertos, tangido pela esperança de encontrar, em qualquer volta de esquina, em qualquer curva dos caminhos, a maravilhosa e loira mulher de seu sonho mais ardente.

Viajára pelas grandes capitaes do mundo e em todas ellas vagára pelas ruas, até a madrugada, numa espera vã e inutil.

Cançado de aguardar o apparecimento desta mulher estranha, que ideára, fechou os olhos e casou-se com uma qualquer.

Era uma viuva quarentona, com cinco filhos, e que estava á esquina, sonhando com o homem providencial de sua Vida...

GARCIA DE REZENDE.

A MISTURA DIVINA

O almofadinha — Está detestavel esse crême-soda. Leva isso, *garçon*, e adicciona um pouco de pó de arroz com Agua de Colonia. *(Desenho de J. Carlos)*

Antes do almoço que o Sr. Felix Pacheco, Ministro do Exterior, offereceu ao Sr. A. Conty, Embaixador de França, que partiu para Paris, em goso de férias.

Senhorinha Margarida Lopes de Almeida, na noite em que realisou a sua linda festa de poesia em beneficio dos Portuguezes Desamparados.

Senhora José Stephani (Magda de Andrade). Photographia posada para esta revista no dia do seu enlace nupcial.

Comedias e Comediantes

LÁ POR FÓRA

A despeito da miseria e desorganisação creadas pelo bolshevismo, o movimento theatral na Russia não perde nada do seu interesse e até se assignalam algumas tentativas artisticas dignas de menção. O theatro de Moscow acaba de representar com successo uma nova peça do Conde Leão Tolstoi: O amor é um livro de ouro, *e em S. Petersburgo, subiu á scena* O Parricida, *de Boonen.*

■ *Victor Hugo escreveu um sem numero de dramas admiraveis, bem differentes no assumpto, mas uniformes sob o ponto de vista de um processo de composição do enredo. Ha sempre uma personagem que muda de nome ou de qualidade e é essa substituição que sustenta toda a peça. Uma vez descoberta a verdade, termina o drama. E senão vejamos:*

— Hernani *é o pseudonymo de João de Aragão.*

— Marion Delorme, *onde Maria toma o nome de Marion.*

— Ruy Blas *é sustentada pelo engano de se tomar o lacaio por D. Cesar e este por Zafari.*

— O rei diverte-se, *em que Francisco I se apresenta sob o nome de Gaucher Mabiet.*

— Os Burgraves, *em que Fosco toma o nome de Job Cincora de Guanhumara e Frederico Bargherouse, imperador da Allemanha, as roupas de um mendigo.*

— Lucrecia Borgia, *só no ultimo acto se confessa mãe de Gennaro.*

— Maria Tudor, *em que a rainha declara perante a Côrte que o amante é apenas o filho de um industrial.*

E assim por deante. Quando se tem talento para produzir obras de tanto valor, todos os processos são bons.

■ *Sarah Bernhardt que, ha dias fez gemer o telegrapho com a noticia do estado precario de sua saude, já restabelecida, vae crear a heroina de uma peça que Sacha Guitry, escreveu para ella. Nesse drama, o pae do distincto escriptor, o grande Guitry, terá um papel de destaque. A peça intitula-se* Um suget de roman.

■ *Victor Marguerite escreveu um romance escandaloso,* Les garçonnes, *que fez um barulho tão grande que as edições esgotam umas sobre outras. O escandalo moveu os revisteiros e eis que no* Carrillon *subiu á scena uma revista intitulada* Les gars r'sonnent, *picante e duma mordacidade que irritou o romancista.*

Adelaide Santos, do Recreio.

CÁ POR CASA

Dá-se um doce a quem provar de quem é o telegramma depreciativo dos meritos da actriz Apollonia Pinto. Uns dizem, é do Viggiani; o Viriatinho affirma que é do Oduvaldo, este garante que é do Viriato... e o Germano Alves, commovido com a carta que o Viriato affixou, na tabella, de engrossamento á actriz Apollonia, commenta com aquelles ares de santarrão:

— O Viriato não escreveu o telegramma, porque anda muito occupado com a Alvorada dos novos *e o* Crepusculo das vasantes... *mandou-o escrever pelo reclamista da casa que, para envenenar qualquer cousa, é um bicho! Mas deixem chegar o Viggiani que o Frões vae-lhe fazer uma procissão de desaggravo como fez ao Brazão.*

■ *Fomos á séde da S. B. A. T. que, como se sabe, é no templo do João Caetano, vulgo Theatro S. Pedro, para indagarmos do silencio em que a directoria está immersa ha longo tempo. Encontrámos o presidente em transes afflictivos para passar atravez uma porta que foi feita para homens como o Raul, o Asdrubal de Miranda e outros dignos e fartos possuidores de ossos. Ali mesmo lhe dissemos ao que iamos e o adiposo escriptor, amavel como sempre, respondeu-nos:*

— Que quer que façamos com a crise de autores theatraes que nos assoberba? Não ha autores! No tempo do Pinto da Rocha imperava o modo condicional... dahi a plethora... Ja me lembrei de pôr um annuncio: precisa-se de autores theatraes para todo o serviço, etc.

ZE' FISCAL

Amelia de Oliveira, do Trianon.

◇

AS ACTRIZES E A BELLEZA

E' sabido que as actrizes pelas vigilias a que são forçadas por dever de officio, deveriam ter uma pelle muito estragada. Entretanto, tal não se nota. Ellas possuem, com raras excepções, pelles finissimas como a das creanças de tenra idade. E por que? Porque a pratica lhes ensinou que devem usar crêmes naturaes, dentre elles o crême de cera purificada, razão por que ha grande procura desse crême nas perfumarias.

O CLUB
MAIS
ORIGINAL
DO RIO

LAGOA-SPORT

A pittoresca séde do club de *tennis* da rua Jardim Botanico em dia de festa.

Socios e convidados.

Directores e gentis *sportwomen*.

Na cerimonia da benção das espadas dos novos guardas-marinha, domingo.

OS BONECOS DE LUIZ

Já estão á venda, nas casas elegantes da cidade, os bonecos em madeira, feitos por Luiz: a Melindrosa e o Almofadinha. Têm sido procuradissimos. Tornaram-se moda. Segundo affirma o pae delles, são mascottes... As nossas leitoras e os nossos leitores que se apressem em adquiril-os.

◇

CHEZ LES AMANTS DE L'AMOUR

CIDADE MARAVILHOSA, NATAL

My own boy.

A tua carta veiu, toda no seu papel côr de sol, como uma nota alegre e fresca que a Vida me mandou de onde estás, nesta manhã diaphana e leve que tem, depois da chuva, aspectos suaves de menina com tranças loiras sobre os hombros nús e um sorriso de romã á bocca...

Nesta manhã que parece, depois da chuva, olhos chorando de alegria...

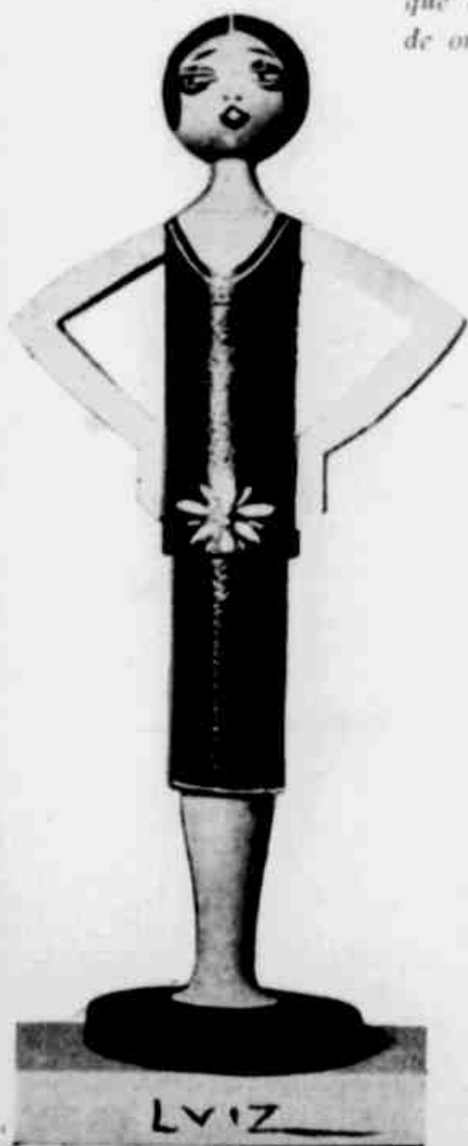
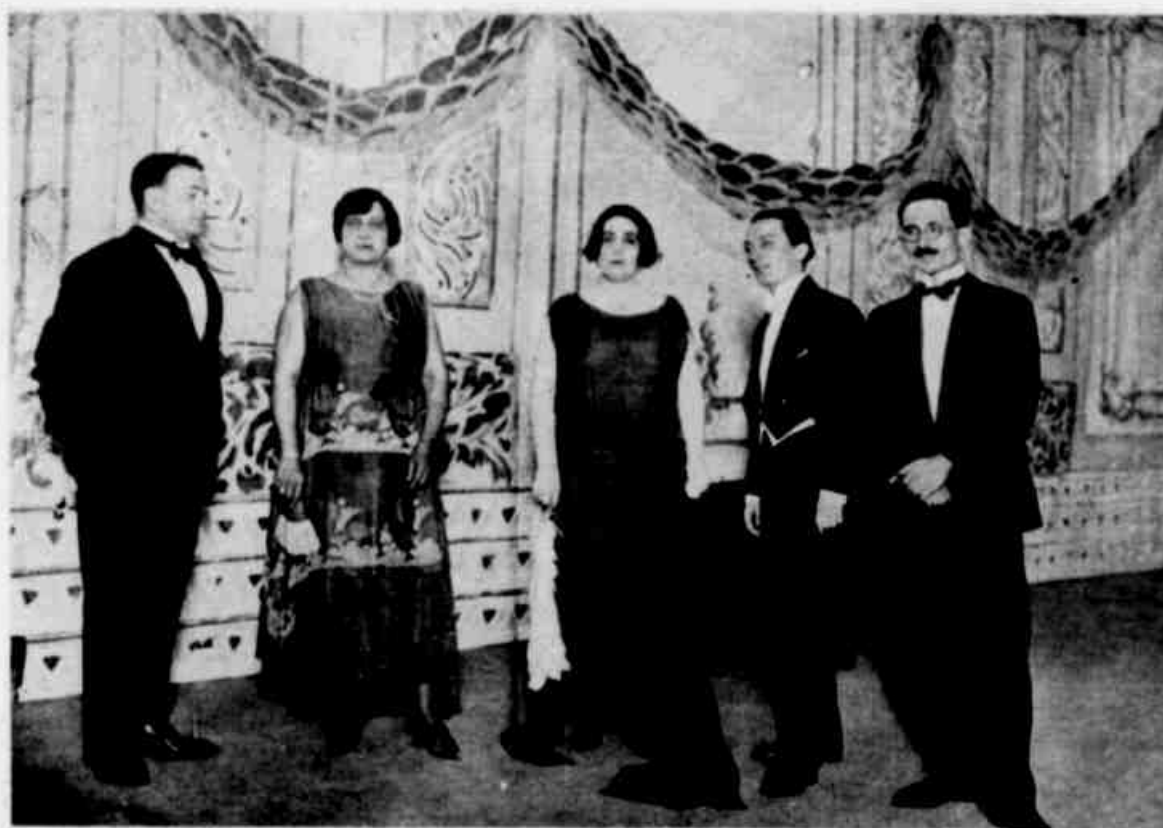
Lá fóra, as arvores estão ainda molhadas da chuva da noite...

Dos altos ramos, as gottas pingam... Mas ha em tudo muita alegria, uma grande aleria, a alegria dos dias que vêm dedepois da chuva...

Eu, si quizesse fixar uma imagem real da Serenidade, diria que não a sinto nunca tão bem, que nunca lhe faço uma tão perfeita idéa como nesses dias...

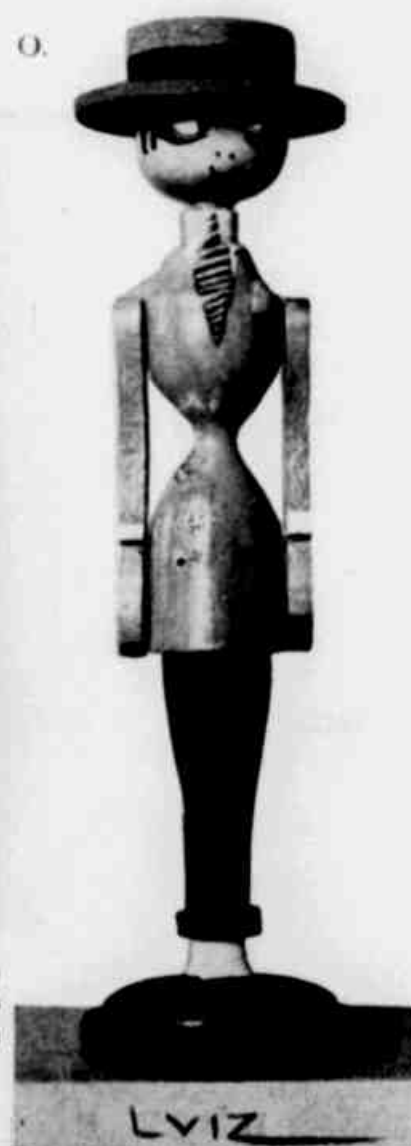
Estendo os braços para o teu gesto...

O.

Dr. Ricardo Pinto, medico distincto, que acaba de regressar da Allemanha, onde trabalhou como assistente dos grandes cirurgiões e professores Otto Hildebrand, Gohrbandt e Grabowsky.

Melindrosa.

Senhora Lydia Salgado, Srs. Del Negri, Nascimento Filho e Soriano Robert, no palco do Lyrico, ao lado de Madame Courrege, antes do festival organisado por esta illustre cantora em homenagem á Colonia Portugueza, e que obteve um exito extraordinario.

Almofadinha

TERRA CARIOCA

S. SEBASTIÃO

No dia de hoje, em 1854, realisaram-se nesta heroica cidade, com grande solemnidade, pomposas festas em commemoração da transferencia da povoação para o morro do Castello e das victorias alcançadas contra os Francezes e Tamoyos.

O caracteristico das festas foi um grande combate simulado. Salvador Corrêa de Sá, que pela segunda vez era governador, acompanhado "dos principaes moradores a rufarem tambores, com bandeiras desfraldadas, disparando tiros de arcabuz, entrou em uma grande barca primorosamente ornamentada, e em cuja pôpa foi armado lindo altar ladeado de numerosos cirios; sobre elle ostentava-se a preciosa reliquia. Vinte ligeiras canôas seguiam a capitanea da frotinha, todas ellas pintadas de varias côres, com folhagens e flammulos; em uma dellas, tomou logar o valente Martim Affonso Ararigboia, que, de proposito, de S. Lourenço viera tomar parte nos folguedos". Assim descreve Vieira Fazenda o que foi o combate simulado do dia de S. Sebastião do anno de 1854. A reliquia a que se refere o illustre historiador pertencia a S. Sebastião e fo trazida para a nossa cidade pelo padre Christovão Gouveia, aqui chegado em vinte de Dezembro de 1853, do Espirito-Santo.

Terminado o combate, veiu o governador para terra, e com a comitiva dirigiu-se para a egreja da Misericordia, conduzindo a reliquia sob um pallio de requintada riqueza. Seguravam nas varas os vereadores da Camara. Em frente á Misericordia foi armado um tablado, onde foi representado um auto, os seus personagens apresentaram-se ricamente trajados, vendo-se um joven representando ao vivo S. Sebastião, findo o auto, discursou o padre Fernão Cardim sobre os milagres do padroeiro da cidade, e em seguida foi a reliquia de S. Sebastião osculada pela multidão que se acotovellava para assistir ao auto, dirigindo-se depois para o alto da collina historica, pela ladeira existente até bem poucos dias. Essa, foi, póde-se dizer, a primeira procissão de S. Sebastião, realisada nesta cidade. A lenda com a sua eterna poesia e profunda inverosimelhança creou em torno da figura do padroeiro da cidade uma aureola de belleza que encanta. O nome do santo acha-se ligado á fundação da nossa cidade, nos faz lembrar as guerrilhas com o gentio, as grotescas figuras das feiticeiras evocando os genios infernaes, bailando furiosamente, as figuras magestosas dos Guixaras, adornadas de collares e dentes das tribus vencidas e o corpo listrado de genipapo e urucú... Nos faz lembrar a figura de Anchieta, hirto, entre as flexas que se cruzavam sobre a sua cabeça, falando em nome de Deus aos soldados e barbaros, incitando-os ao combate, relembrando-lhes a patria gloriosa, os seus paes e as suas tradições.

A Cathedral, de onde sahia a Procissão de S. Sebastião.

O mez de Junho de 1556 nos trazem á memoria acontecimentos surprehendentes; o silibar das flexas e a arcabuzeria atordoavam, a peleja era renhida e o mar no seu marulhar eterno emballava cadaveres ensanguentados; não ha disciplina, indios e portuguezes, n'uma bravura sem par procuram a victoria, loucamente...

Estala uma ronqueira, corta o espaço um clarão de polvora, illuminando uma figura ajoelhada que elevando o olhar ao céo exclama:

"Valha-me o martyr S. Sebastião!"

Era o milagre. "A mulher de um chefe Tamoyo, assombrada, enfiando os dedos nos cabellos hirtos, brada aos seus que fujam, ou serão vencidos. Os Tamoyos, amedrontados, desertam com as suas canôas, deixando algumas aprisionadas e muitos cptivos. Depois deste ataque, os guerreiros victoriosos, adornados de flores e no meio de hymnos de festa, dirigiram-se ao templo, a render graças a S. Sebastião; ficando, como lembrança do memoravel feito, instituida a celebre festa das canôas, de que dão noticia os velhos chronistas, e que durou até os ultimos tempos da colonia, como se póde verificar nos archivos da nossa municipalidade. E' da lenda que os alliados dos francezes, recordando-se daquella hora fatal, perguntavam aos portuguezes:

— Quem era aquelle gentil-

O que foi o morro do Castello e a egreja de S. Sebastião (1910) — Ruinas nas proximidades da egreja de S. Sebastião (1923)

COMMEMORAÇÃO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE — Coelho Netto pronunciando um discurso no dia 20 de Janeiro de 1910.

homem que andava armado durante o conflicto, e saltando em vossas canôas?

Ao que elles respondiam na convicção inabalavel de suas crenças:

— O gentil-homem que vistes, era S. Sebastião, o nosso padroeiro". Estas palavras são de Mello Moraes, que tão brilhantemente interpretou as nossas tradições. Muitas outras procissões foram effectuadas; com grande pompa era celebrada a data do martyr em toda a cidade, o comparecimento á procissão, era, póde-se dizer que obrigatorio. Um facto nos autorisa a crer que assim fosse: a 13 de Setembro de 1749, o Dr. Francisco Antonio Berquó da Silveira Pereira, que era ouvidor geral e corregedor da Comarca, resolveu "multar em vinte mil réis as pessoas da nobreza, que nomeadas pela Comarca, para pegarem nas varas do pallio e carregar o andor de S. Sebastião, na respectiva procissão, e sem escuso se furtavam a esse dever". A procissão de S. Sebastião constituia uma das mais bellas tradições da cidade e o santo era sempre saudado com honras militares: a fortaleza do Castello dava as tres salvas reaes, sendo acompanhadas pelos navios ancorados no porto. Em commemoração á gloriosa data, a cidade illuminava-se durante as noites de 17, 18 e 19 de Janeiro, as egrejas repicavam os sinos festivamente. A festa do padroeiro attingiu o seu apogeu durante o tempo de D. João VI, quando principe regente. D. João associava-se aos festejos, mandando illuminar o seu palacio, e ordenou que as salvas fossem de 21 tiros no inicio e fim da illuminação, dadas pela fortaleza da ilha das Cobras. Anteriormente, as salvas eram em numero de tres e dadas pela fortaleza do Castello, porém, em virtude das reclamações dos habitantes da collina, e "por causa da força dos estampidos", o governador Luiz Vahia Monteiro, por ordem de D. João V, mandou que fossem, dahi por deante, dadas pela fortaleza de Santo Antonio, na ilha das Cobras.

Um detalhe da egreja de S. Sebastião, já demolida.

A ultima procissão, descendo a montanha tradicional. — O andor de S. Sebastião. — A chegada ao novo convento á Rua Conde de Bomfim.

Na Capella Real celebravam-se solemnes vesperas, matinas e missa pontifical; tomavam parte nas solemnidades o cabido, capellões e os musicos da Capella. O principe, com toda a familia, compartilhava com piedosa devoção dos exercicios divinos. José Mauricio dirigia o movimento artistico das festas, onde as suas composições magistraes eram executadas entre a admiração e o respeito de todos. Compareciam aos festejos todas as altas autoridades e o Senado da Camara com o respectivo estandarte carregado pelo procurador. Durante os tempos coloniaes era o estandarte "de côr branca, tendo bordadas a corôa portugueza, as armas da cidade e a imagem de S. Sebastião. Depois da independencia, o estandarte era de velludo um laço de pedras preciosas. Com o Imperio bordadas a ouro e do outro, ainda a imagem do santo. A lança terminava em uma grande esphera armillar, rico trabalho de ourivesaria".

....

"Trajavam os vereadores casaca e calções de seda preta, capa e volta, meias brancas, camisas de bofes e punhos de renda, sapatos de fivella e chapéo meio desabado com plumas brancas presas por um laço e pedras preciosas. Com o Imperio o uniforme dos representantes da cidade modificou-se, dando-se-lhes casaca verde bordada, collete branco, cinto e espadim, calças azues agaloadas e chapéo armado". Assim é que Vieira Fazenda nos descreve a indumentaria da época; o illustre historiador nos narra ainda que a causa do não comparecimento dos vereadores á procissão, no Imperio, foi o alto preço daquelles uniformes, e dahi o desapparecimento do habito que havia, da edilidade acompanhar a procissão de S. Sebastião. A procissão ainda ha bem pouco tempo tinha logar, sahia da Cathedral, seguindo pelas ruas Primeiro de Março, Ouvidor, Ourives, Ajuda e ladeira do Seminario e egreja dos Capuchinhos, onde entrava pela porta principal.

A ultima solemnidade que assistimos foi a do anno passado (1922) por occasião da trasladação das reliquias da cidade e da imagem do padroeiro, do morro do Castello para a rua Conde de Bomfim n. 240, onde estão guardados hoje o marco da cidade, as cinzas de Estacio de Sá e o santo padroeiro.

O marco da fundação da cidade, quando no morro do Castello, antes da collocação das grades pelo prefeito Serzedello Corrêa.

Janeiro, 1923.

ERCOLLE CREMONA.

MARC FERREZ

Um profundo golpe attingiu a classe cinematographica no Brasil com o fallecimento do chefe da casa Ferrez, desapparecido na semana ultima.

Filho de um dos artistas francezes, contractados por D. João VI, para a implantação entre nós do ensino de bellas artes, continuou Marc Ferrez as tradições de familia. Como photographo fez-se famoso, sendo as suas photographias conservadas religiosamente nos nossos archivos, os documentos unicos hoje existentes de varios aspectos de nossa terra, desapparecidos ou transformados com a administração republicana. Ha nas suas paizagens (foi Marc Ferrez o primeiro a fixar-lhe os aspectos na machina photographica em suas viagens pelo centro do paiz) uma nota artistica sempre: a escolha do ponto de vista denotava no photographo a existencia daquella divina scentelha de arte que dá o toque de poesia ás frias imagens que a objectiva mecanicamente registra.

Foi Marc Ferrez um dos introductores da cinematographia no Brasil. O cinema Pathé, de sua propriedade, começou a funccionar na Avenida quando os programmas se compunham ainda de uns vagos films de pouco mais de cem metros de extensão e em vinte minutos, no maximo, se escoava uma sessão inteira.

Auxiliado por seus filhos Julio e Luciano Ferrez que com elle constituiam a firma commercial Marc Ferrez & Filhos, revelou ao publico carioca muito dos primores da cinematographia, não se atendo, apezar de sua origem franceza aos films dos studios europeus, antes escolhendo, de accordo com o gosto do publico, de preferencia os americanos, quando a industria yankee se demonstrou superior ás demais.

A perfeita correcção do velho commerciante, sua intransigente honradez, a lisura dos seus processos o tornaram sempre uma figura de destaque nos meios cinematographicos.

E' uma perda sensivel a que soffreu esse meio com o seu desapparecimento, e, publicando o seu retrato nestas paginas destinadas ao registro dos acontecimentos cinematographicos, presta esta revista uma justa homenagem a um daquelles que mais o honraram, podendo servir de modelo aos que entre nós exploram o commercio dos films.

Aos seus filhos e successores Julio e Luciano Ferrez que seguem de perto as tradições paternas, apresenta "Para todos..." os seus sentimentos.

Marc Ferrez.

Inauguração no Instituto Historico do retrato do Dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo da nobre associação.

◇

AS MAIS FINAS, AS MELHORES

As mais finas perfumarias, as melhores roupas brancas encontram-se na casa Ramos Sobrinho & C., á rua da Quitanda n. 91, perto da rua Ouvidor.

Este endereço é bem conhecido da gente elegante do Rio de Janeiro e do Brasil todo.

◇

BOTÕES

Todos vimos especular com a Vida... Ha os que vencem e os outros... Os outros são as casas fallidas... Mas é um engano consideravel suppôr-se, de um homem que se suicida, um romantico... O suicida é puramente um homem pratico... Perde, retira-se de scena... Os romanticos são os que ficam para o fim do espectaculo, para ver quanto os outros ganharam...

✣

E' sempre bom deixar para amanhã o que se tem de fazer hoje...

Os queridos artistas cantores Sra. Antonieta Sá Osorio e Sr. José Osorio.

NA EXPOSIÇÃO DOMINGO PASSADO

Hoje, em frente ao Palacio das Festas, na Exposição, realisa-se a cerimonia do hasteamento da bandeira historica de Estacio de Sá, ás 15 horas. Estarão presentes as altas autoridades. No Palacio dos Estados, inauguração da exposição de bandeiras historicas, brasileiras e portuguezas desde a época affonsina, organisada por Carlos Piquet. A' noite — Espectaculo lyrico ao ar livre — Execução da *Cavallaria Rusticana* por artistas da Escola Lyrica do Theatro Municipal, vozes e córos de grande effeito, com orchestra de 60 professores, ás 21 horas, na esplanada do Mercado. Amanhã — *O batuque e o samba* — Original espectaculo ao ar livre, pelo blóco do Bam-bam-bam. — Sensacional exhibição de fogos japonezes diurnos, com surpresas de premios, interessando a adultos e creanças. O espectaculo dos fogos japonezes durará das 17 ás 18 horas. A' noite, além do *batuque e o samba*, imponente passeata do Club dos Democraticos (Ala dos Namorados) com allegorias, corso, attracções congeneres. Batalha de serpentinas, etc.

footingações

A VIDA PASSA...

"Tout passe,
on dit..." Que grande tolice!
Pois si a vida não passasse
podia haver quem a visse?

Trocadilhos, troca d'olhos...
Ruth Ramos já passou
para tirar os abrolhos
que Deus na vida deixou.

Porque Deus deixou da vida
cheia de abrolhos a face
para que, compadecida,
Ruth da vida os tirasse...

Abrolhos... Abro olhos, tonto,
para a avenida da vida...
A vida... Que lindo conto
sentimental, de Avenida!

Quadrados brancos e pretos
de pedrinhas... Vão passar
Othelos com Hamletos
para os balcões do Alvear.

Desdemona, Ophelia... Todas
as figuras de tragedias...
Celebram-se grandes bôdas
com amaveis mythos e medias...

Boa tarde! Estás um encanto!
E's parenta do Cardose!
Ah! tu que falavas tanto
já usas teu "bout-de-rose..."

Longa e languida cegonha!
melindroso almofadito!
bicho que não tem vergonha,
chupador de pirolito.

NO ALVEAR...

Sala de espelhos...
O ultimo accorde desmaia...
Alguem fica de joelhos
para adorar Malafaia...

E ha por toda a sala, quando
seu vulto desapparece,
murmurios de olhos chorando,
desmaios, gritos "á bêsse..."

Mas subito surgem, como
si viessem do céo, ligeiro,
Nair, o mais lindo chromo,
Lucilia Souza Ribeiro...

E atraz dellas, ardentias
que deixam lucido rastro,
Maria Vianna Dias
e Vera e Clotilde Castro...
Mas, ás cinco horas em ponto,

fogem todas... Fica a sala
como no fim de algum conto
em que o herói se mata á bala...

A' bala, não! mas a "beijos"
faz favor, porque, hoje, emfim,
qualquer dos nossos desejos
acaba ou começa assim...

E A VIDA PASSA...

"Tout passe,
on dit..." Que grande tolice!
Pois si a vida não passasse
não havia quem a visse...

On.

INSENSIVELMENTE

— Que foi aquillo, *seu* Evaristo? O senhor então beliscou a Finóca?
— Foi... foi... *machinal'ment sans savoir comment.*

(Desenho de J. Carlos)

DE RABINDRANATH TAGORE

O DESERTO DE TEPANTAR

Não sei que horas são, mãe.

Mas a luz do dia vae escurecendo no céo, e não estou achando nenhuma graça no meu brinquedo; por isso vim para perto de ti.

Hoje é sabbado, o nosso dia santo. Deixa o trabalho, mãe; senta-te aqui junto á janella e dize-me onde é o deserto de Tepantar, do conto de fadas?

A névoa da chuva cobre o dia de um a outro lado. Os relampagos arranham o céo com suas unhas de fogo. Estála o trovão, ribombando pelas nuvens. Como eu gosto de ter medo, então, e de agarrar-me a ti.

Quando a chuva goteja horas e horas nas folhas do bambual e as janellas estremecem e rangem ás rajadas do vento, eu gosto de ficar no quarto sosinho comtigo, mãe, e ouvir-te falar no deserto de Tepantar, do conto de fadas.

Onde é que elle fica, mãe?... na praia de que mar? ao pé de que montanha? no reino de que rei?

Não ha lá balizas que dividam as terras, nem caminho que leve o vilão á sua villa, nem vereda pela qual a mulher que cata lenha possa levar a sua carga da floresta ao mercado.

Eu vejo daqui o deserto de Tepantar: a areia sem fim, sobre a areia manchas de relva amarellada, e só uma unica arvore, em que fez seu ninho o casal de velhos passaros encantados.

E eu imagino que num dia nevoento como este, o filho moço do rei vae atravessando o deserto, montado num cavallo cinzento, em busca da princeza que está prisioneira no palacio do gigante, em meio do lago mysterioso.

Quando a cerração da chuva descer do céo longinquo, e os relampagos explodirem como acessos de dôr, elle ha de se lembrar da sua mãe infeliz, abandonada pelo rei, varrendo as cocheiras e enxugando as lagrimas, emquanto elle cavalga pelo deserto de Tepantar, do conto de fadas.

Vê, mãe, já está quasi escuro o dia que se vae, e não se enxerga um viajante, além, nas estradas.

O pastorsinho volta cêdo do campo, os trabalhadores deixam o serviço, e sentados nas esteiras, abrigam-se sob o beiral das choupanas, espiando a carranca das nuvens.

Eu, tambem, deixei todos os meus livros na estante, mãe; não me perguntes pelas lições agora. Quando eu crescer e fôr grande como o papae, aprenderei tudo o que preciso aprender.

Porque hoje, mãe, tu vaes dizer-me onde fica o deserto de Tepantar, do conto de fadas.

A FLOR DA MAGNOLIA

Imagina, mãe, só por brinquedo, que eu me tornava uma flôr de magnolia, e crescia nos altos ramos da arvore e balouçava-me ao sôpro do vento, dansando e rindo entre os tenros brótos das folhas... Eras capaz de descobrir-me, mãe?

Tu me chamarias "Filhinho, onde estaes?" e eu ficaria quietinho, sorrindo.

E abriria de mansinho as minhas pétalas, para espiar-te emquanto trabalhasses.

Quando, depois do banho, os cabellos humidos esparsos sobre os hombros, atravessasses a sombra da magnolia, tu sentirias o perfume da flôr, mas não saberias que era eu.

A' hora do meio-dia, quando te sentasses á janella para lêr as tuas orações, e a sombra da magnolia cahisse sobre os teus cabellos e o teu regaço, a minha pequenina sombra tremularia sobre a pagina do livro, marcando o logar que estivesses lendo.

E não adivinharias que a tenue sombra era a do teu filhinho. E á tarde, quando passeasses pelo jardim, eu cahiria da arvore, de subito,, e voltaria a ser de novo o teu filhinho e pediria que me contasses uma historia.

"Mas onde estiveste, menino travesso?"

"Eu não te quero dizer, mãe." E será tudo o que eu e tu diremos.

Rabindranath Tagore

VOCAÇÃO

Todo o dia eu encontro o bufarinheiro a gritar: "Missangas, missangas de crystal", quando o sino da torre bate as dez horas e eu vou meu caminho para a escola.

Nada lhe faz pressa, a nenhuma direcção se obriga, nenhum destino o reclama, para voltar não tens horas.

Eu quizera ser o bufarinheiro que passa o dia na estrada a gritar. — "Missangas, missangas de crystal."

Quando volto da escola, á tarde, vejo, pelo portão do castello, o jardineiro que cava a terra.

Elle faz o que quer com a sua enxada; e ninguem lhe toma contas, se elle suja as roupas de lama, queima-se aos raios do sol ou volta molhado pela chuva. Eu quizera ser o jardineiro que cava a terra, e ninguem me mandaria ficar quieto quando eu cavasse o jardim.

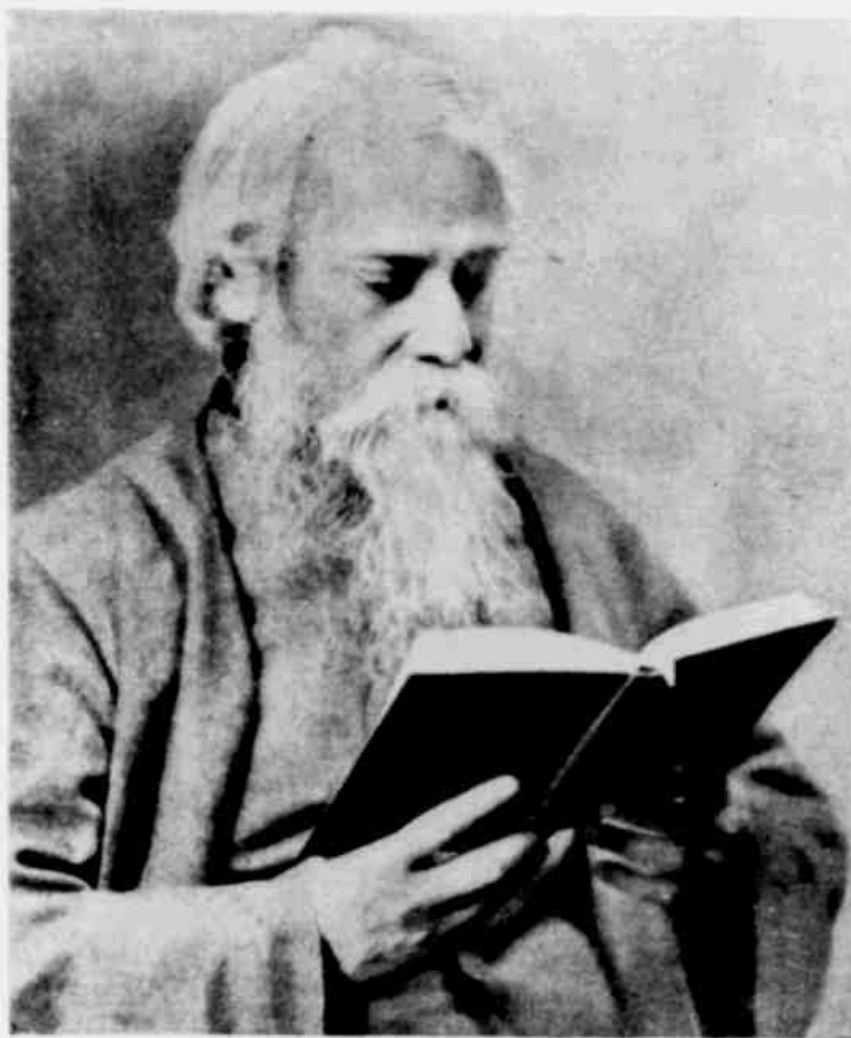
Assim que vem cahindo a noite, minha mãe manda-me a deitar. Pela janella aberta vejo o guarda que ronda acima e abaixo. A rua está escura e solitaria, e os lampeões parecem gigantes de um só olho rubro.

Passa o guarda, que nunca dorme, balançando a lanterna, acompanhado da sua sombra.

Eu quizera ser o guarda que ronda de noite as ruas, caçando a escuridão com a sua lanterna.

DO GITANJALI

Eu estava cansado e somnolento no meu leito preguiçoso, imaginando que todo o trabalho cessára. E de manhã, levantando-me, encontrei o meu jardim cheio de flores maravilhosas.

(Traducções de Placido Barbosa)

EXPEDIENTE VELHO

NO sabbado, a Carmensita, — aquella hespanhola bonita, de grandes olhos negros e pestanudos, foi ao escriptorio do Antonico e disse-lhe assim:

— Olha, meu velho, arranja um dos teus pretextos e vae passar o domingo lá na chacara.

De pupillas accesas, elle encarou-a, sorrindo, e como quem acha a idéa magnifica, interrogou-a a rir:

— Pandega rasgada?

— Nem se pergunta.

— Quem são as outras?

— O costume: a Lola, a Consuelo, a Conchita...

— Basta, basta. Conta commigo.

Quando regressou á casa, de sopetão, foi logo dizendo para aquella que lhe aguenta as manhas:

— Quinota, o Quincas e mais o Chico foram convidar-me para uma caçada amanhã; e, como a temperatura está adoravel, não recusei.

D. Quinota, que era uma senhora de boa fé, dessas que são raras — só feitas de encommenda — approvou logo, sem commentarios:

— Fizeste bem, meu filho. Trabalhas tanto durante a semana, que é justo que te distraias nalguns momentos de goso. Vae, mas vê se trazes alguma coisa. Não vás dar tudo aos companheiros, como tens feito das outras vezes.

— Ah! Não. Quanto a isso, descansa.. O que matar de melhor, será para o nosso almoço. E tu sabes, pontaria que não erra alvo, não me falta.

Correu o dia, chegou a noite, foram dormir e tudo deslisou na serenidade de sempre.

Mal a madrugada suspendeu a cortina, trazendo a claridade, saltou do leito, enfiou o jaquetão, poz a tiracolo o polvarinho, agarrou na espingarda e nessa elegancia venatoria, tocou-se sorrateiro, para o arruamento.

Dobrou aqui, virou ali e a passo largo foi descendo até parar no mercado. Entrou. Era preciso fazer as coisas com methodo e limpeza, para não despertar desconfianças. Foi a uma das bancas. Olhou para um lado, para outro e como não avistasse o que precisava, chamou o proprietario.

— Diga-me cá: Tem ahi marrecões, perdizes ou outra qualquer ave?

— Não, senhor; nem um tico-tico para remedio ha. A caça agora anda escassa.

— Que contratempo!...

— Não vale arreliar temos coisa melhor, de mais sabor e substancia... Olhe só para este mimo. E abriu uma caixa atulhada de carne de porco miuda, vermelhinha, atoucinhada, mettida em tripas claras e transparentes.

— Isto — continuou o homem — recebemos ha pouco e ainda não aquentou logar. Porco puro e fabricação especial. Ora, faça o favor de trazer o nariz aqui que vae logo sentir um cheiro que desafia o paladar de quem tem bom gosto e dente fino.

— Não me serve.

— Mas, olhe...

— Não quero, já disse. Havia de ter muita graça, se eu fosse dizer á minha mulher que encontrei a voar no matto um pedaço de linguiça... e o matei a tiro...

JOTA SÓ

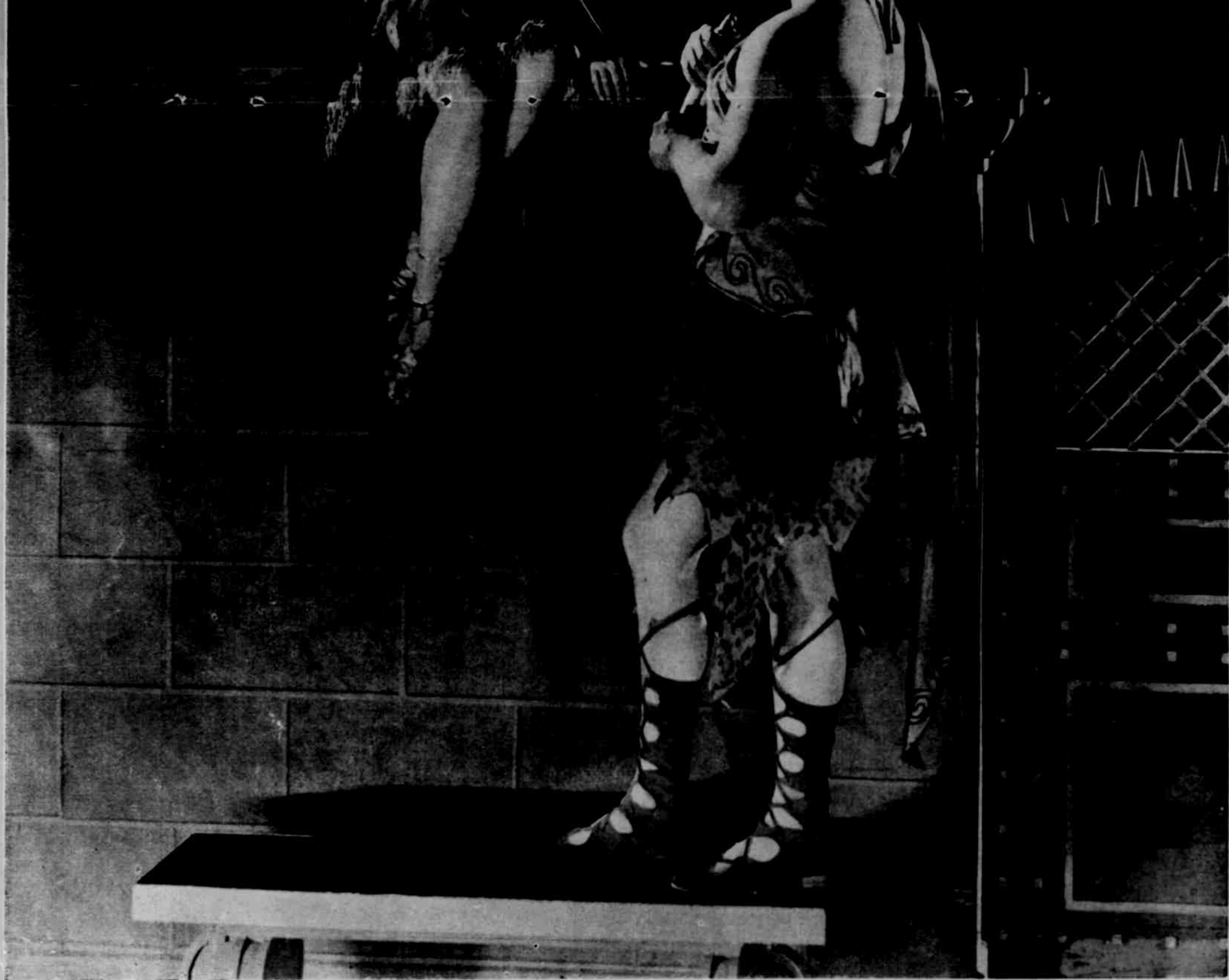
Grupo feito no dia da benção das espadas dos novos aspirantes a officiaes

Senhora Margarita Soler, da sociedade de Buenos Aires, que esteve, ha pouco, no Rio

Inauguração da mostra de trabalhos em prata, no pavilhão de honra de Portugal, na Exposição

SIMPLICIDADE...

UM jornal publicou ha dias a noticia de que numa cidade grave da Europa, ia reunir-se um congresso gravissimo, cujo fim será a indagação e a apuração das causas principaes e dos principaes autores da colossal guerra que agitou e ainda agita céo e terra... Nunca tivemos uma tão exacta certeza na decrepitude do velho mundo como agora... Então, a velhinha, que estava a um canto honroso da casa, numa commoda cadeira de balanço, respeitada e amada, fala, fala, briga, descompõe os seus e depois, ingenua e simples, endireita os oculos para perguntar como e quem começou a discussão... Santa simplicidade...

O bom Deus que a perdoe... Porque ella já está no fim... Ella já faz perguntas... Ella está na segunda infancia...

NA "A CASA DO TALENTO" HA UMA SERIE DE QUADROS EM QUE O BURLESCO NÃO FAZ DESAPPARECER A BELLEZA

Cinema Para todos...

Chronica

Os impostos sobre cinemas

Nessa questão surgida sobre as imposições municipaes aos exploradores do commercio cinematographico, ha um episodio revoltante.

Um dos membros da Alliança, Sr. Aguiar, proprietario de quatro cinemas aqui nesta capital, quando começaram os exhibidores a se agitar como baratas tontas em dia de trovoada, convidado a assignar um papel qualquer de protesto contra as taxas do orçamento municipal, recusou-se logo, clara e positivamente, a fazel-o, dizendo:

—"O estado em que o novo Prefeito encontrou as finanças municipaes é deploravel, dizem todos os jornaes. Ha necessidade de que todos corram em auxilio da administração da cidade. Todas as classes são alcançadas pela majoração das taxas. Por que pois se furtarão os proprietarios de cinema a contribuir tambem para essa obra patriotica com o seu dinheiro? Dizer que os cinemas não supportam esse augmento é uma falsidade. Supportam muito bem. Supportariam mesmo muito maior aggravação. E pagos esses novos impostos ainda nos fica uma farta margem para lucros. Lembrem-se do que se deu no tempo do presidente Campos Salles, quando se tratava de salvar as nossas Alfandegas das hypothecas. Procurado por uma commissão de negociantes estrangeiros, que iam protestar contra a creação dos impostos do consumo, o grande presidente respondeu a esses argentarios:

— Não posso obrigar ninguem a ser patriota, mas tenho na mão os meios de fazer executar a Lei!

Se fossemos procurar o Prefeito, poderiamos obter a mesma resposta.

Eu sou brasileiro, sou patriota. Se o governo Municipal precisa de uma parte dos fartos lucros que auferimos dos cinemas, é obra de patriotismo ir ao encontro de seus desejos, tanto mais quanto na realidade isso não representa para nós nenhum sacrificio..."

Foram essas as palavras, ou parecidas. Emfim, o pensamento era este.

Bocca que proferiste tão sensatas e patrioticas expressões!

Logo todos se voltaram contra elle. Ai! Se existissem ainda as fogueiras da Santa Inquisição! O Aguiar de sambenito e carocha já teria sido sapecado, queimado, reduzido a torresmo em uma fogueira armada defronte do Parisiense, para desaffronta da classe e escarmento a futuros discolos.

Como porém essas cousas dos tempos d'El-Rey Nosso Senhor só existem na tradição, em vez da fogueira resolveram condemnar o recalcitrante collega á ruina e á miseria.

Para esse fim a Alliança, pelos seus representantes, tem percorrido as agencias locadoras de films, apresentando-lhes o dilemma: ou negarem suas fitas a Aguiar, ou perderem a freguezia dos outros exhibidores.

Mas essa gente está doida, ou não está?

Isso é um crime punido pelo Codigo Penal e um caso caracterisado de coacção commercial, de que se livrará victoriosamente o perseguido, fazendo pagar o damno aos perseguidores e talvez mettendo-os na cadeia, que não foi feita para cachorros.

Ao que sabemos, algumas agencias têm até agora resistido ás intimações, dando prova de uma independencia louvavel, naturalmente não querendo ser connivententes com o attentado que projectam os membros da hoje famosa Alliança. Só a da Fox accedeu pressurosamente, mas é bom não esquecer que o agente da Fox é tambem exhibidor.

Ahi têm os nossos leitores os processos de que lançam mão esses patriotas, esses abnegados servidores do publico, para cuja alegria vivem a sacrificar dinheiro, saúde... y muchas otras cositas mas, *com um desinteresse que é de enternecer os bofes á gente.*

Esse episodio ficará. Ali, na Alliança, é assim mesmo. E a theoria do crê ou morre. *Ai do que discordar!*

Mas está ou não está doida essa gente?

Perdida a serenidade, precipitando-se no caminho das violencias, das compressões, das perseguições, o que esperam elles afinal?

Que o publico lhes applauda os actos de si mesmo censuraveis?

Ora, demos tempo ao tempo.

Ai vassoura, vassoura!

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

PATSY RUTH MILLER é uma estrellinha *mignonette* que costuma servir de *leading-woman* em films de aventuras do Oéste. Já a vimos em *O Aventureiro*, com Tom Mix e *Tosquiado*, com Hoot Gibson. Esperançosa.

QUEM É CLARENCE BURTON

E' uma figura popular nos films da Paramount. Nasceu em Windsor, no Estado de Missouri. Terminada a sua educação, dedicou-se ao theatro, trabalhando varios annos numa companhia de comedias. Em 1913, entrou para o cinema, começando a representar papeis de "bad man". Ha annos para cá, elle tem apparecido exclusivamente nos films da Paramount, em papeis de grande e pequena importancia e com apreciaveis caracterizações. Tomou parte nos films "Coração de pedra" e "Prohibição", com Bryant Washburn; "Reverencia á juventude", com Thomas Meigham; "Incredulidade", com Anna Nilson; "Amor especial", com Wallace Reid; "O dinheiro de Martha", com Ethel Clayton, e muitos outros.

Os seus melhores papeis, porém, foram talvez o de marido de Agnes Ayres, em "Fructo prohibido" e o de Marin Green, dono do armazem, em "Prohibição".

Aliás, este foi um dos seus bons papeis, porque foi um dos que, pelo menos, mais lhe ficou adequado. Os seus ultimos trabalhos que appareceram no Rio foram "Tragico transe", com Agnes Ayres; e "O invencivel" com Jack Holt.

Ultimamente, tem trabalhado nos films da Warner Brothers, onde já teve, tambem, um papel de saliencia em "The beauti ful and damned", ao lado de Marie Prevost, que agora é uma das estrellas dessa fabrica.

☆ ☆ ☆

Raymond Hatton foi contractado, pela Universal, para trabalhar no film de Lon Chaney "O corcunda de Notre Dame", tirado do romance de Victor Hugo.

☆ ☆ ☆

"Hearts aflame", o grande film dirigido e produzido pelo director de "The Storm", Reginald Barker, da Universal, será distribuido pela Metro. Nelle figuram Frank Keenam, Anna Q. Nilsson, Russell Simpson, Walt Whitman e outros.

☆ ☆ ☆

Hope Hampton terminou "The light in the dark", para a First National. Vae, agora, trabalhar num film especial da Fox e, depois, em "Lawful Larceny", para a Paramount.

☆ ☆ ☆

O proximo film de Griffith intitula-se "The White Rose".

☆ ☆ ☆

Eva Novak é a *leading-woman* de William Russell, em "The great night".

☆ ☆ ☆

Conway Tearle, Elliott H. Dexter e Corine Griffith, trabalham juntos em "The Cammonlaw", da Selznick.

☆ ☆ ☆

Houve um grande incendio nos estudios de Berwille, onde são confeccionados os films da Arrow. Ben Wilson e Eddie Lyons tiveram avultados prejuizos.

Bert Lytell e o seu hiate, famoso entre os barcos que navegam e disputam provas de velocidade nas aguas da California

A producção européa e a opinião de John Emerson

De volta de uma longa viagem á Europa em companhia de sua esposa, Anita Loos, o escriptor americano John Emerson deu a sua opinião sobre a producção européa nos seguintes termos:

"Ha de haver dois annos, começou a America a ser invadida por uma serie de films allemães de baixo custo; deu isso motivo a temores de que a nossa industria viesse a soffrer com semelhante concorrencia, dado o alto custo da nossa producção. Nossos productores ficaram alarmados e reduziram logo a sua producção de dois terços, deixando sem trabalho milhares de pessoas que dantes tiravam da industria cinematographica seus meios de vida. Essa crise occasionou o alarma em todos os meios, quer industriaes, quer financeiros. Varios dos nossos productores por esse tempo, tambem querendo se aproveitar da baixa cambial, partiram para a Europa e começaram a produzir lá. Esse movimento parecia tendente a transportar nossa industria para diversas regiões da Europa.

Depois de haver durante cinco mezes estudado essa questão, na Europa mesmo, cheguei á conclusão de que actualmente e por muito tempo ainda nossa industria cinematographica nada terá a temer da producção européa.

Como fui um dos mais ardentes advogados da protecção á industria americana, faço questão de expôr meu ponto de vista actual sobre a questão.

Observando a producção estrangeira, cheguei á conclusão de que, salvo raras excepções que pódem ser consideradas como accidentes, os productores europeus têm uma idéa tão vaga e tão imperfeita da psychologia do publico norte-americano, que são absolutamente incapazes de fazer films que possam nos agradar.

Ha duas excepções a essa regra: Ernest Lubitsch e Pola Negri, os dois unicos artistas que tenham conseguido algum successo na America. Mas ambos vão produzir agora na America com artistas americanos, por isso que se convenceram de que, com artistas americanos e em nossos *studios* aperfeiçoados, seus films vender-se-ão com muito mais facilidade do que sendo a producção feita do outro lado do oceano.

Para isso varias razões existem: em primeiro logar, os autores europeus não levam o cinema a sério; a composição do scenario é deixada em grande parte ao director de scena ou a escriptores sem experiencia, cousa ha muito abandonada na America. Além disso, os artistas europeus, posto muito habeis e possuidores da technica da téla, não agradam geralmente ao publico norte-americano.

Quando se trata de uma peça theatral que nos chega da Europa, o que fazemos é adaptal-a ao gosto do publico e fazel-a interpretar por artistas americanos. Para um film, porém, isso não se póde dar. Por mais que se córte, a parte principal e os artistas, nem por isso nos ficam menos extranhos, e o enredo, já de si mal feito, peor fica ainda com os córtes.

Pessoalmente, tenho grande admiração pelos artistas e pela interpretação estrangeira, mas pelo menos nos films, o publico se recusa a acceital-os e não vale a pena discutir os motivos. Affirmaram-me que actualmente é quasi impossivel conseguir que um exhibidor assista á passagem de um film estrangeiro. Isso prova as tristes experiencias que elles já tiveram de soffrer.

Os productores americanos que foram á Europa com a esperança de produzir mais barato, já comprehenderam a impossibilidade de o fazer e estão de volta. Um ou dois têm ainda *studios* na Europa, produzindo porém para o mercado europeu, com a esperança vaga de vender de tempos em tempos um film para a America.

Assim, penso que aquelles que empregaram suas actividades e capitaes na industria dos films, pódem dormir descansados sem temer a concorrencia barata da Europa, pelo menos por algum tempo.

Parece-me, todavia, que alguma cousa se deveria tentar para obrigar a Allemanha a tirar a especie de embargo que existe para os films americanos. E' exacto que um dollar valendo dois ou tres mil marcos, o mercado allemão representa para o productor americano uma somma minima, mas é preciso ter em vista o futuro, e por isso, creio que deve-se constranger o mercado allemão a ficar aberto para o film americano, como o mercado americano está aberto para o film allemão."

PRISCILLA DEAN

☆ ☆ ☆

Constance e Norma Talmadge achavam-se no Marble Arch Pavillon Cinema, de Londres, quando estreava o film da primeira, *East is West*. O duque de York, da familia real ingleza, presente ao espectaculo, convidou as duas estrellas americanas para assistirem á exhibição, do seu camarote.

☆ ☆ ☆

Por via das reclamações mexicanas, contra o habito de sempre fazer um mexicano desempenhar o papel antipathico, alguns dos productores *yankees* resolveram d'ora avante que todos os cynicos que apparecerem nos films nada apresentem quer no nome, quer no vestuario, indicativo de sua nacionalidade.

O romancista comprazia-se em deixar a imaginação...

A DUVIDA

(L E   D O U T E)

DE

Daniel Jourda — Mise-en-scène de Gaston Roudès—Film da Gallo—Producção de 1922

Interpretado por Victor Francei, Jean d'Aragon, Jacques de Féraudy, Mlle. Louise Colliney e Mlle. Rachel Devirys.

Pierre Aubry, o escriptor, scismava, com os olhos semi-cerrados, emquanto um tenue filete de fumo sahindo do charuto esquecido e quasi apagado, subia no ar parado.

Agora que a fortuna parecia bater-lhe á porta, e, com ella, a celebridade, o romancista comprazia-se em deixar o espirito vagabundo volver a um passado já vivido, um passado repleto de soffrimentos, de amargura, um passado que certamente não se reproduziria mais. Como o homem rico habituado ao luxo e ao prazer que é levado pela curiosidade a visitar os bairros miseraveis de uma cidade, penetrar-lhes a sordidez e a miseria, presenciar os soffrimentos dos infelizes desprotegidos da sorte e volta ao seio do conforto mais apto a apreciar o prazer que lhe póde fornecer a riqueza; assim o escriptor, de volta dessas excursões ao seu proprio passado, sentia o coração dilatar-se na alegria intima e profunda do bem presente.

Ao contrario de sua mulher, era com sincero prazer que voltava a viver na memoria, a sua vida miseravel de outr'ora.

Via-se novamente o escriptor pobre, cheio de talento, mas obrigado a vender as suas obras que os editores não acceitavam, mas que, ornadas da assignatura do rico Termon aureolavam de fama o nome desse magnata. Com que profunda amargura se conformava com o infamante negocio... Amargura que lhe envenenava a alma, mas que, mais brilhante e fecunda lhe fazia nascer a inspiração do proprio soffrimento moral.

Como se lhe afigurava diverso então o seu destino, do desses escriptores de mediocre talento, mas cercados de uma consideração obtida nas salas das redacções,

Agora que a fortuna parecia bater-lhe á porta...

Amava o homem a quem dava o seu coração...

no Café de Paris, no Prè Catelan; desses que se vêem aureolados de fama antes mesmo de pegar na penna para escrever alguma cousa. Quão longe estava desses escriptores cheios de dinheiro que vivem no campo, habitam castellos historicos, cercam-se de circumstancias particularmente adaptadas a denunciar a sua profissão, percorrem a Europa toda de automovel... Quão longe desses homens de letras, de porte imponente, verbo sonoro, simultaneamente cynico e grave, para quem theatro e romance não passam de pretextos para baixas especulações!

Quão differente desses literatos cabeçudos, invejosos de tudo e de todos, que guardam os seus volumosos manuscriptos inéditos, á espera de que o mundo que elles desprezam reconheça emfim o seu genio...

Não, muito longe estava elle desses falsos escriptores... Nelle residia o genio, mas com elle residia a miseria... Não a pobreza remediada, com alternativas de exito e de fracasso, que permitte esperar, e quiçá estimula certos homens cuja prosperidade enervaria o caracter; era a verdadeira miseria, profunda, continua, obstinada, que arruina as energias da alma, que abate os caracteres de melhor tempera; miseria que se resume em duas palavras igualmente terriveis: fome e frio...

E elle soffria. Soffria duplamente porque via sua mulher, a sua Jeanne, a sua meiga companheira de luas soffrer calada, escondendo o soffrimento para não augmentar o do marido. Oh! mas como elle sabia ler nesse semblante pallido e embora sorridente, a dôr occulta, feroz, sobrehumana!...

E só tamanha miseria, só o soffrimento da sua Jeanne adorada poderia leval-o a vender as suas obras, fructos do seu espirito, pedaços de si mesmo.

Como odiava esse infame Termon que, sob o manto de uma falsa caridade, arrancava-lhe o que para elle Aubry, tinha mais valor do que a sua propria carne...

De subito, quando menos o esperava, vira-se rico e celebre. Termon promptificara-se a publicar os seus romances com a assignatura delle, Aubry. A proposta partira do proprio Termon e Pierre Aubry não sabia como explicar essa generosidade. Seriam remorsos de roubar ao escriptor os seus escriptos e vel-o soffrer como era manifesto que soffria? Mas não! Quem conhecesse Termon, o cynico Ter-

(*Termina no fim da revista*)

Ameaçal-a de revelar a Aubry...

QUEM E' JULIA FAYE

E' uma das mais populares actrizes no Brasil. Nasceu em Richmond, no bello estado de Virginia. Ha quanto tempo foi é indiscreção dizer — ha vinte annos talvez... Entrou para a Escola Normal de uma cidade que não vem ao caso e, pelo gosto dos paes, seguiria a carreira de professora, si alguem não lhe tivesse mettido na cabeça a idéa do cinema. Foi um custo para a sympathica Julia convencer os directores de que ella possuia aptidões para a arte do silencio.

Começou na Universal, e em pouco tempo obteve o logar de *leading-woman* de Jack Mulhall no film *Principe á força*, onde tambem parece que estreava Noble Johnson, o *Sóla*, como é conhecido.

Perdendo o seu contracto nessa fabrica, ella esteve algum tempo em férias forçadas e depois entrou para a Paramount, conseguindo immediatamente um papel de relativo destaque em *Esposas velhas por novas*, dirigido por Cecil B. de Mille, que aliás parece ser o seu protector.

Continuando na fabrica de Adolph Zukor, a nossa conhecida *Miss Faye* tem tomado parte em quasi todos os films especiaes desta fabrica.

Não troqueis vossos maridos, *Algo em que pensar*, *Fructo prohibido*, *Negocios de Anatol*, *Noite de sabbado*, *De fidalga a escrava* e por ultimo, *Sem pensar nas consequencias*, foram os films em que ella mais se salientou.

Jack Dempsey, o celebre "boxeur", e Baby Peggy.

Lewis Sargent no "Huxkleberry finn".

HELEN CHADWICK filmava com Noah Beery, que fazia o papel antipathico. E quando menos esperava disparou-lhe na mão o revolver e Noah tombou ensanguentado.

Imagine-se o alarma.

A gentil artista cahiu para o outro lado com um ataque de nervos.

Felizmente foi mais o susto. Noah já está restabelecido, mas Helen jurou nunca mais pegar em revolver.

☆ ☆ ☆

"The Virgin Eucen" é o novo film do commodore Stuart Blackton, Lady Diana Manners fará o principal papel (Rainha Isabel).

☆ ☆ ☆

Flesh and blood é o novo film que Lon Chaney está fazendo para a F. B. O.

☆ ☆ ☆

RUTH ROLAND acaba de sahir de um hospital de Los Angeles, onde passou uma quinzena de molho. Em um dos seus films e presa a um cabo foi arrastada sobre as aguas do Grande Oceano por espaço de quasi uma milha. Foi tirada d'agua semi-morta.

☆ ☆ ☆

Em "Vendetta" da Cosmopolitan trabalham Alma Rubens e Lionel Barrymore.

☆ ☆ ☆

BEBE DANIELS e BERT LYTELL figuram juntos no film "The Exciters", da Paramount.

☆ ☆ ☆

No film da Paramount "The Covered Wagon", dirigido por James Cruze figuram mais de tres mil pessoas, tres tribus de indios authenticos, 500 vagons. E' um episodio da conquista do Oeste.

Chico Boia, Buster Keaton, Alice Lake e Viola Dana

Estelle Taylor no acto de ser beijada por Tom Douglas

O proximo film de Wallace Reid é "A gentleman of Leisure".

☆ ☆ ☆

MARION DAVIES apparecerá em Março no film "Adão e Eva", da Cosmopolitan.

☆ ☆ ☆

ALICE BRADY em Março proximo apparecerá no film Paramount "The Leopardess".

☆ ☆ ☆

BEBE' DANIELS e NITA NALDI figuram no film dirigido por Allan Dwan "The Gimpsers of the Moors.

☆ ☆ ☆

MARY MILES MINTER trabalha ao lado de Antonio Moreno no film da Paramount "The trail of the Lonesome Pine".

☆ ☆ ☆

BETTY COMPSON em companhia do Conway Tearle figura no film de Fitz Maurice "The Rustle of Selk".

☆ ☆ ☆

Os films de Corinne Griffith serão agora, destribuidos pela Hodkinson.

☆ ☆ ☆

O artista francez Charles Rochefort, faz pouco contractado pela Paramount, trabalhará com Dorothy Dalton no film "The Law of the Lawless".

☆ ☆ ☆

CULLEN LANDIS vae trabalhar em "Masters of men", da Vitagraph. Este é o segundo dos 24 films especiaes que essa fabrica annuncia para o corrente anno.

☆ ☆ ☆

Em "Flaming hour", da Universal, figuram Frank Mayo, Helen Ferguson e Charles Clary.

DINHEIRO E JUIZO

(DOLLARS AND SENSE)

Film Goldwyn — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Hazel Farron. . . .	Madge Kennedy
David Rodgers. . .	Kenneth Harlan
Geoffrey Stanhope. .	Willard Louis
Daisy Van Ners. .	Florence Deshon
Geo Larisson. . . .	Richard Tucker

— Dize cá menina: qual é a causa dessa melancolia? Que é que te afflige? — interrogou Daisy Van Ners, ao mesmo tempo que retocava melhor a pintura do rosto.

Accendeu, depois, um cigarro, e entre uma e outra baforada, examinava a rapariga a seu lado, com uma curiosidade de boa camarada.

Hazel Farron desviou os olhos do espelho sobre a mesa do *toilette*, para apanhar no chão os seus sapatinhos de setim. Mas no momento em que os ia calçar, deteve-se e fixou em Daisy os seus grandes olhos castanhos, sombreados de tristeza.

— E' esta cousa do fechamento do theatro, — respondeu. — As outras parece não se affligirem muito com isso, e não sei como ellas se pretendem arranjar. Quanto a mim, não tenho de parte nem um vintem e não sei o que vae ser de mim no verão!

Os seus olhos afflictos vaguearam um momento pela sala desasseiada, com vestidos de scena, lentejoulados, pendurados aqui e ali, as mezas cobertas de frascos e boiões, drogas de caracterisação, escovas, pentes, pompons de pó de arroz, todo o arsenal, emfim, da belleza rapida e ficticia. Aos toucadores, raparigas ruivas, louras, morenas, apressavam-se em caracterisar-se para o primeiro acto. Palravam umas, descompunham-se outras, mas todas pareciam indifferentes ao encerramento definitivo do theatro, essa noite. O unico rosto afflicto, em toda a sala, era o de Hazel.

Daisy lançou uma baforada á taboleta que, na parede, ordenava: "E' prohibido fumar neste recinto", e poz-se a rir, despreoccupadamente.

— E' só isso? — perguntou. — Ora, bolas! Coragem, menina! Não vejo porque te devas affligir. E' só te mostrares complacente para com aquelle figurão que te anda no encalço ha tanto tempo, e passarás um verão esplendido, garanto te! Até talvez o vás passar em Adirondacks ou em Newport, quem sabe?!...

— Tens coragem de me dizer uma cousa dessas, Daisy?! Sabes bem que eu nunca acceitaria um vintem do Sr. Stanhope!

— Ahi vens tu com essa loróta da pureza e da santidade!... Leva-as ambas ao mercado e vê se consegues comprar seja o que fôr com ellas!... Fica certa de que, com tal moeda, nunca conseguirás matar a fome! Para uma rapariga na tua situação, que não sabe como vae atravessar estes proximos mezes, um homem como Geoffrey Stanhope é até um enviado de Deus!

Daisy propinava as suas razões com vehemencia, pois não tolerava o desalento de Hazel, convencida como estava de que uma coristinha como o eram ellas, mais hoje, mais amanhã, tinha sempre

Hazel foi encontral-o cahido na loja, sem sentidos.

que acceitar a protecção de um homem qualquer.

— Mas, minha filha, é horrivel andar com um homem de quem não se gosta, consentir que elle nos pague os presentes e os jantares... — ponderou Hazel.

— Muito mais horrivel é não ter o que comer quando se tem fome, não ter o que calçar quando se está descalça, o que vestir quando se está nua! Vamos, basta de bobagens, e, se Stanhope estiver, hoje, á tua espera ao fim do espectaculo, não sejas tola de o mandar embora. Vae com elle, ceia em sua companhia e, talvez, venhas a verificar com surpreza que elle não é tão máo como tu julgas. Reflecte que ha milhares de raparigas neste mundo e que é, pois, preciso que elle esteja realmente apaixonado por ti para que soffra, cada noite, o teu desprezo e volte, na noite seguinte, á procura de mais! Quem sabe lá? Talvez até elle queira casar comtigo! De vez em quando, acontece...

Hazel estremeceu num arrepio, mas prometteu a Daisy não recusar, nessa noite, o costumado convite de Stanhope, secretamente esperançada, embora, de que elle se houvesse finalmente cançado de fazer sentinella á porta da caixa do theatro.

Reinou então a prosperidade na casa de David Rodgers.

Mas o persistente Geoffrey lá estava, ao fim do espectaculo, com toda a opulencia das suas banhas e todo o esplendor da sua riqueza. Hazel, desprezando-o embora, mas apprehensiva ante a sua absoluta falta de recursos, acompanhou-o a ceiar e procurou dar-lhe a impressão inteiramente falsa de que se estava divertindo muito na sua companhia. Não se sentia em harmonia, nem com aquellas horas, nem com aquelle local, nem com aquelle homem. Muito preferiria um simples copo de cerveja no seu aposento ao sacrificio de submetter o seu espirito deprimido ás jovialidades, ás facecias insossas, que imperavam ali, ao tormento de arrastar os seus pés fatigados ao rythmo dos ruidosos *rag-times* e *fox-trots* daquella orchestra de *cabaret*. O braço gordo do companheiro, passado á sua cinta, a sua cara redonda e suada junto á della, completavam para Hazel o odioso da situação. Dahi a pouco, Stanhope começou a enternecer-se, a fazer-se meigo, mas Hazel empertigou-se, friamente, e inteiramente esquecida das recommendações de Daisy, não teve a preoccupação de esconder o seu aborrecimento a Stanhope e declarou-lhe que desejava partir. Stanhope chamou um *cab* e levou-a á casa.

— Quer almoçar commigo amanhã, ou antes, hoje? — perguntou o ricaço, procurando reter nas suas a mão de Hazel, á porta da pensão.

— Não; creio que não posso! — disse, lentamente, Hazel.

Era coragem recusar assim, quando o espectro da fome imminente já lhe rondava a porta. Mas Stanhope insistia:

— E por que não? — disse, jovialmente. — Não lhe vão faltar, agora, horas de lazer! Porque não me consagra algumas dellas, ao menos?

Hazel não era nenhuma creança. Sabia bem que intenções tem um homem rico quando faz alvo das suas attenções uma simples coristazinha, como o era ella. Mesmo antes da conversa que tivera essa noite com Daisy já lhe haviam chegado aos ouvidos muitos commentarios cynicos do mesmo genero. Sabia, pois, que, mais
— Por essa obrigação, o devedor seria eu!
tarde ou mais cedo, a protecção que ella

Hazel no ambiente da padaria mais do que a fragancia...

acceitasse lhe seria cobrada, e sentia bem agora como sentira sempre que a semelhante preço não o poderia ella pagar!

Alçou, pois, para Geoffrey Stanhope os seus grandes olhos castanhos e declarou-lhe, audaciosamente:

— Não posso acceitar o seu convite, senhor Stanhope. Não desejo dever-lhe nenhuma obrigação.

— Que tolice! — respondeu elle, rindo.
— Por essa obrigação o devedor seria eu!

— E' muito amavel em dizel-o, reconheço; mas, de todo o modo, não posso acceitar. Muito agradecida e boas noites.

Com estas palavras, abriu a porta e engolfou-se na treva do vestibulo.

Baldados foram todos os esforços de Hazel para obter algum contracto para o verão, e, á medida que se produzia em seu coração um vacuo cada vez maior, igual vacuo se produzia em seus recursos. Finalmente, duas simples moedinhas eram tudo quanto povoava a vastidão da sua bolsa!

— Que vou eu fazer? — perguntou Hazel a si mesma, pela centesima vez.

Sahiu com a vaga idéa de que havia de encontrar algures uma salvação. Sentia-se deprimida, apprehensiva em extremo, mas era de indole por demais forte para acceitar a derrota desde já.

— Ahi está! — exclamou de repente. — Eu bem sabia que havia de encontrar o que comer com os dois *cents* que tenho!

Parou á *vitrine* de uma padaria. Em meio de grandes pães de crosta dourada, de tortas folhadas, de bolos trescalantes, em que se esmerára a mão de um verdadeiro artista, um letreiro dizia: "*Dois pães dormidos por um cent*". E esse fôra o annuncio que levára toda aquella alegria ao seu estomago agoniado!

Hazel penetrou na loja. Ao balcão estava um bello mancebo, em cujo rosto ardiam dois olhos cheios de luz. Olhos brandos, desses olhos azues-escuros, que parecem ver tudo quanto veem os outros olhos e ainda mais. Não lhes passára despercebida a contemplativa parada de Hazel em frente á vitrine, mas viram-n'a entrar na loja, sem darem signal de que houvessem percebido coisa alguma.

— Queria que me désse quatro pães dormidos, por favor, — disse Hazel.

Havia naquelles olhos azues-escuros um tal calor de sympathia que Hazel baixou a cabeça, enleiada, e poz-se a revolver, agitadamente, o interior da bolsa. Não queria, de modo algum, que aquelle lindo moço pudesse adivinhar a sua fome!

— São para o meu cachorrinho! — explicou, violando a verdade, a contragosto.

Mas David Rodgers, o padeiro, reconheceu bem que era o amor-proprio que articulava, timidamente, essas palavras.

— São quatro, não é verdade? — perguntou com um sorriso affectuoso, voltando-se para a prateleira, disposta por traz delle.

— Sim, se faz favor.

E Hazel ia a collocar sobre o balcão os dois *cents*, quando um delles lhe resvalou

(*Termina no fim da revista*)

... e ali fica horas, á sua cabeceira, com a mão do doente presa entre ás suas...

Priscilla Dean.

A procedencia dos artistas

(CHARLES LATEST)

— Sómente artistas experimentados podem figurar em nossos films — responde o director de uma grande empreza productora *yankee* a uma candidata que procura entrar para a carreira cinematographica, sonho doirado de tanta cabecinha doidivanas por este valle de lagrimas... e sorrisos tambem, porque nem só de chorar se vive, valha a verdade e em que pese aos scepticos e aos reverendos que pregam (pregam só) que a gente deve desprezar este mundo como um logar de sacrificio e por elle passar com os olhos postos na vida futura... como se essa fosse cousa muito segura.

A pequena ouve a resposta, mas não arreda pé. E faz agora outra pergunta:

— Mas explique-me, meu caro senhor, uma cousa: como puderam todos esses artistas chegar a ser competentes e experimentados? Bem sei que me poderá responder que quem é bom já nasce feito... — Não senhora. Foi justamente trabalhando em films.

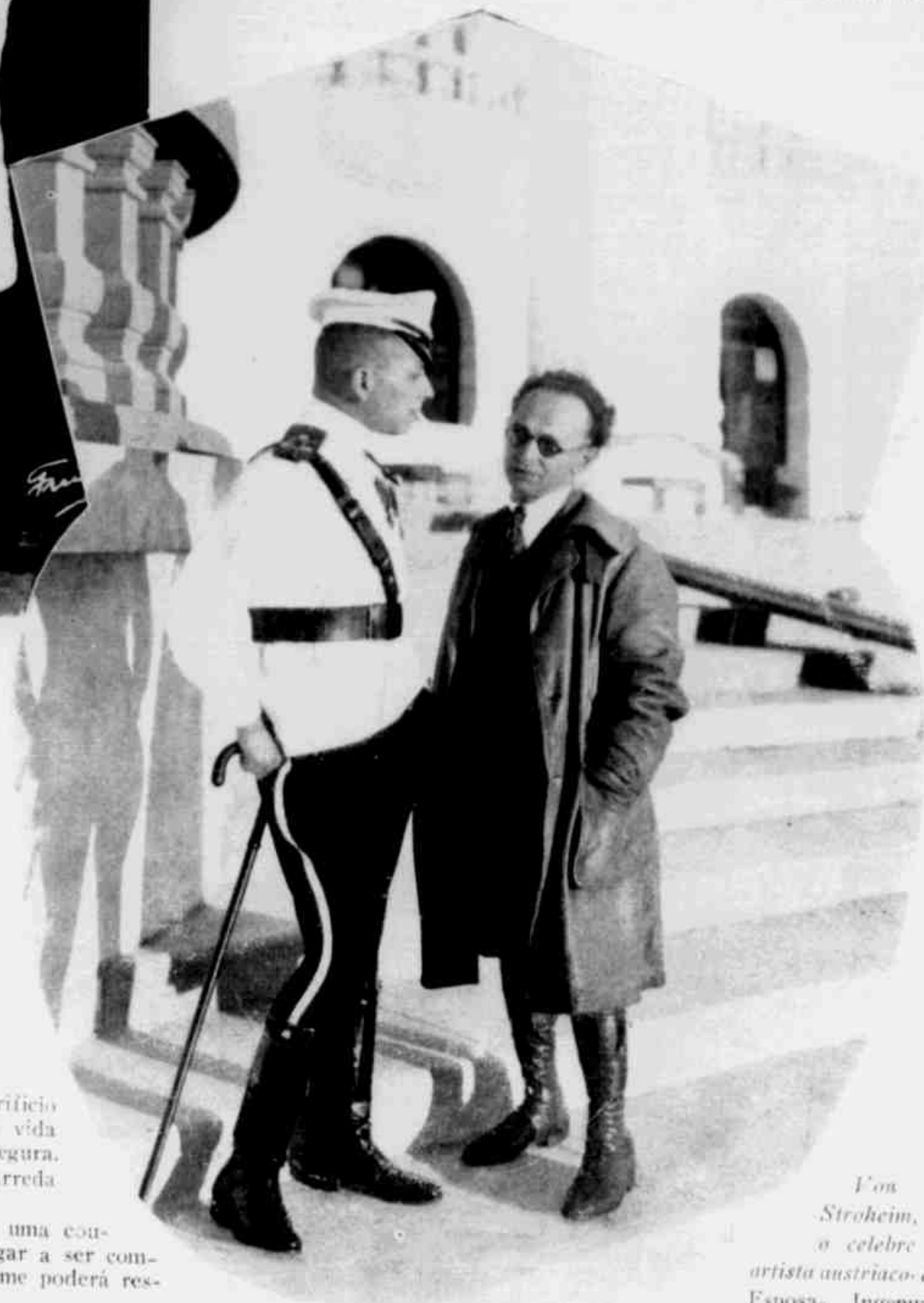
— Então chegamos ao ponto que eu queria. Elles tiveram de receber lições prévias, fazer ensaios e depois com o tempo, com o trabalho, com o seu esforço ganharem uma experiencia, não é?

— Naturalmente, responde com a maior displicencia o gordo director, com as mãos na cava do collete.

A pequena é lida e relida em cousas de cinema; lê as grandes revistas do genero, conhece a vida, a biographia, as anecdotas sobre os artistas, tudo, tudo emfim quanto se relaciona com o cinema...

E por isso, e para demonstrar não só os seus conhecimentos, mas ainda a sua vocação para essa ambicionada profissão, atira ás ouças do intrigado director, felizmente naquella hora animado de grande dóse de paciencia e bom humor, o seguinte sermão:

— Devo em primeiro logar dizer-lhe, senhor director, que nenhuma profissão conheço que sirva de trampolim para se saltar para a arte muda, nem que lhe sirva de curso preparatorio. Aquelles que gozam de celebridade hoje, começaram a trabalhar no theatro, no pulpito, na escola, ensinando as primeiras letras, no circo, no balcão de um estabelecimento commercial, em officinas, *ateliers* de pintura, agencias de publicidade, como musicistas, *sportmen*, jornalistas, reporters, agentes de seguros, que sei eu!...

Olhe: Lois Wilson e Mary Thurman foram professoras de b a bá; Wallace Reid e Mary Alden fizeram jornalismo; Bryant Washburn e Douglas Fairbanks foram agentes de seguros; a vocação de Cecil B. de Mille era toda militar; Herbert Brennon era *boy* de recados no Daly Theathe de Philadelphia; Allan Crosdale foi reporter do *Globe*, de New York; Allan Dwan, professor de electricidade na Universidade

Von Stroheim, o celebre artista austriaco em Esposas Ingenuas.

de Notre Dame; Alice Joyce, Margueritte Courtot, Mabel Normand, Anna Q. Nilsson foram modelos de pintura e esculptura; Mae Murray, Justine Johnstone, Marion Davies, Martha Mansfield, Ruby de Remer, Jacqueline Logan, Katalyn Percy foram coristas de *music-hall*, e Pauline Frederick por ahi passou tambem.

Elsie Ferguson, Katherine Mc Donald, Ethel Clayton, Irene Castle, May Mc Laren, Billie Burke foram comprimarias nos principaes theatros do paiz. Margaret Loomis e Carol Dempster, bailarinas profissionaes, discipulas de Ruth St. Denis; Betty Compson, violinista de orchestra; Ford Sterling foi palhaço; Jack Holt foi estafeta no Alaska; Douglas Mc Lean começou a estudar engenharia; Virginia Pearson foi livreira em Louisville e Wanda Hawley, pianista.

Mary Pickford é uma excepção, pois que desde os cinco annos estreou em um theatro e em 1909, quando estreou no film, este estava ainda em seus primordios, de maneira que evoluiram juntos.

William Hart, aos 17 annos, era andarilho e como tal foi fazendo a sua vida; passou-se para o palco, interpretou Shakespeare, fazendo até Romeo(?), Napoleão Bonaparte e Armand Duval!

Richard Barthelmess queria ser literato e Eugen O' Brien quasi foi boticario!

Ahi tem o senhor, para resumir, onde ensaiaram e ganharam experiencia os artistas que hoje gozam de renome universal. Noventa e nove por cento delles vieram de terreno alheio ás manifestações artisticas. Já vê, pois, que nenhum exaggero ha em meu pedido. Como todos elles, posso um dia vir a ser uma grande artista.

Não me disse, quem me contou essa historia, se o argumento convenceu o director e se a pequena candidata conseguiu o que queria. Pois se tal se não deu, foi pena. E' verdade que no cinema não se fala, mas a rapariga dava perfeitamente para... deputado.

☆ ☆ ☆

Carmel Myers instaurou um processo de divorcio contra seu marido, Isadore Kornblum. A linda Julie das *Sereias humanas* allega crueldade e abandono do lar.

☆ ☆ ☆

A Vida de Gambetta é um film annunciado pela imprensa allemã e que será feito em Berlim por uma firma franceza.

☆ ☆ ☆

Eva Novak casou-se com William Reed, operador cinematographico.

Gladys Walton

Eugen O' Brien e Ruth Dwyer.

EDITH MAY

Em 1921 o Japão importou 1.240.000 metros de film americano, 101.000 metros de italiano, 12.000 metros de allemão, 11.000 metros de inglez e 6.000 metros de francez.

✣ ✣ ✣

Huguette Duflos, quando filmava *Koenigsmark*, na Allemanha, sob a direcção de Leonce Perret, foi atacada por uma pneumonia, de que mal acaba agora de se restabelecer.

✣ ✣ ✣

The three-cornered Kingdom é o novo film de Ethel Clayton para a F. B. O. (Film Booking Offices) ex-Robertson Cole.

Milton Sills, Theodore Kosloff, Anna Q. Nilsson e Pauline Garon apparecerão no proximo film de Cecil B. de Mille, cujo nome definitivo não foi ainda escolhido.

✣ ✣ ✣

The flirt é um film Jewell em que figuram Helen Jerome Eddy, Elleen Percy, Edward Hearne e Harold Goodwin. Hobart Henley, dirige.

✣ ✣ ✣

Tom Moore e Edith Roberts terminaram *Pawned* para a Select. Frank L. Packards, que escreveu a historia do *Homem miraculoso*, é o autor do enredo.

REI, RAINHA, CORINGA

(KING - QUEEN - JOCKER)

Film Paramount — Producção de 1922

O rei Victor XXIII, com certeza, berrou ao nascer. Luigi Baccati, quando nasceu, certamente, berrou. Porque, em regra, todas as creanças berram quando nascem. Além disso, Victor não queria ser rei, da mesma fórma que Luigi, sendo italiano e, portanto, destinado a ser barbeiro, não teria desejado passar toda a sua vida a lavar cabeças sujas de gente que não tinha tempo para lavar a sua propria cabeça, nem a raspar queixos barbados. Victor regia os destinos de São Marino, pequena ilha que dormia, gentilmente, no regaço azulado do Mediterraneo. Governar São Marino não era tarefa de grande responsabilidade. Confiada a soberania do reino a um exercito de 721 valentes defensores e á poderosa marinha, composta do hiate real, "Bella Dona" (naturalmente assim denominado em recordação de uma actriz parisiense, que S. M. conhecera na intimidade e usava essa substancia, isto é, belladona, nos olhos), podia o rei Victor entregar-se, tranquillamente, aos seus confortaveis deveres de soberano.

Victor era casado com uma encantadora rainha, que, por signal, chamava-se Rainha Victoria.

São Marino teria sido eternamente o paraiso terrestre se não viesse a conflagração mundial, em que, aliás, ella não se metteu. A sua neutralidade, porém, não lhe evitou as consequencias, não, propriamene, da guerra, mas da paz.

Como o resto do globo, S. M. Victor XXIII viu os seus dominios invadidos por tremenda crise — generos de primeira necessidade carissimos, cambio estragado, ganancia dos senhorios e — o que era grave! — propaganda bolshevista, sorrateiramente feita pelos emissarios de Moscou, que até ali haviam chegado. Os sãomarinenses tinham confiança na alta competencia do seu monarcha, por isso mesmo foram a elle, pedindo remedio para os seus males. O diabo é que S. M. não sabia como responder aos desejos dos fiéis vassallos.

— Situações como essa é que estragam a profissão de rei, — pensava S. M. Victor XXIII, coçando a rabeça.

Luigi Baccati era um bom barbeiro, a grande riqueza era o seu bom humor, que elle resumia na seguinte divisa: "O que é nosso ás nossas mãos ha de vir, deixemo-nos ficar deitados".

A vida não fôra prodiga para elle, por isso elle não lhe ligava grande importancia. Para Luigi uma boa anecdota valia tanto como a gorgeta de duas liras com que Benevenuto Somata, primeiro ministro do rei Victor, o gratificava.

Um dos emissarios de Moscou

despeito do desgosto que sentia pela profissão. Era eximio nas massagens e cortava um cabello com o mesmo sentimento artistico com que Miguel Angelo esculpia uma das suas divinas cabeças. A sua

Luigi na sua loja de barbeiro

Luigi preferia uma risada a um copo de vinho, uma gargalhada a uma perola. A isso, naturalmente, devia elle as sympathias que o tornavam o mais popular cidadão de São Marino e a protecção de todos os ministros do rei Victor. E dahi, veiu o grande acontecimeno da sua vida, occorrido aos 23 dias do mez de junho do anno de 1920, da graça de Nosso Senhor Jesus Christo.

Nessa manhã, estava elle esfregando os ladrilhos da sua loja, quando um rapazinho, que entrou e sahiu como um relampago, lhe deixou n[illegible] mãos este bilhete: "Esteja hoje, ás [illegible] horas da noite, na "Taverna Vermelha". Não diga nada, não ouça nada, não olhe [illegible]da!".

E Luigi disse comsigo:

— Talvez tenham recebido um carregamento de vinho Chianti e queiram que eu o prove.

E sem pensar mais no assumpto, Luigi poz-se a attender a freguezia, que, justamente, naquelle dia, era numerosa. Benvenuto Somata, o primeiro ministro, veiu tambem. Luigi servia-o com a amabilidade a que faziam jús as duas liras da gorgeta habitual, quando a loja foi invadida por tres individuos, que, sem mais preambulos, dirigiram-se á cadeira onde estava o ministro, deitaram-lhe as algemas, dizendo-lhe:

— Temol-o em nosso poder. Antes da meia-noite, estalará a revolução. Não resista porque a sua vida correrá perigo.

Dizendo isso, metteram o pobre ministro numa *limousine* e desappareceram.

Luigi soltou uma boa gargalhada. De-

pois, riu o resto do dia, e, ás 7 1|2 horas da noite, quando ia para o encontro a que fôra convidado, ainda ria.

Nessa mesma noite, o rei Victor, depois de uma tarde agradavel, encerrava o seu dia passeando entre as acacias do parque real, quando se viu ex-abrupto assaltado por um bando de individuos, e despojado das suas vestes e atirado num carro fechado, encontrando-se, quando voltou a si da sorpreza, encerrado numa estreita cella, aos fundos de uma taverna, onde todo o mobiliario consista num velho colchão de palha. Nessa mesma occasião as coisas começaram a mudar para Luigi, que se viu mettido num brilhante uniforme, enfeitado com todas as condecorações usadas pelos soberanos. E Luigi iniciou a sua profissão de rei, com a cabeça a rodar, não pela vertigem das alturas, mas porque excedera a conta em copos de Chianti. A' sua passagem, os guardas se curvavam, e Luigi achava aquillo muito interessante. No salão, um criado veio prevenil-o: "O Camareiro Mór manda annunciar a Vossa Magestade que está ás suas ordens. O ministro da Justiça pede uma audiencia a Vossa Magestade". — Que o ministro vá pentear macacos!" respondeu ell . O criado estatelou os olhos assombrado. Mas Luigi não se deu por achado. Ao entrar na sala de audiencias, Luigi ao ver o ministro que o aguardava, foi-lhe dizendo: "Como vae isso, velho camarada! Precisas passar lá na loja, que o teu cabello já está fazendo cachos." O ministro puxou-o para um canto e lhe obtemperou: "Magestade, faça o que quizer, mas pelo amor de deus esqueça a loja de barbeiro. A sua semelhança com o rei Victor engana todo mundo. Não tenha medo de ser descoberto, si não assignar o seu nome de Luigi". E o ministro deu-lhe um carimbo, dizendo que quando alguem lhe pedisse a sua assignatura num papel, elle mandasse o individuo olhar para o outro lado e applicasse o carimbo. Depois Luigi foi visitar o seu novo domicilio. Percorreu toda a enfiada de salões sumptuosos e só parou na adega, onde ficaria, si o camareiro-mór não o encontrasse ali, levando-o para o quarto. Pela madrugada Luigi acordou com o brando contacto de suave mão no seu rosto: era a rainha Victoria que perguntava si S. M. dormira bem a noite.

Foi um momento difficil para Luigi, sobretudo quando a linda mulher curvou-se para beijal-o na fronte. Nem a propria rainha havia reconhecido a fraude.

O rei barbeiro ia levantar-se. Mal punha o pé fóra do leito, e se via cercado de um verdadeiro exercito; eram os Cavalleiros do Banho, os Camareiros das Calças, os Moços das Reaes Abotoaduras, os Grandes Escudeiros da Real Escova de Dentes — que Luigi tomou por outros tantos anarchistas, prestes a assassinal-o.

A's 10 horas da manhã Luigi recebeu a delegação do Syndicato Livre dos Trabalhadores Sem Trabalho. O rei Victor fôra descortez com elles, mas Luigi os tratou como principes: deu-lhes charutos, vinho, sandwiches, e, quando os percebeu embriagados, sacou do carimbo e assignou a nova lei que elles reclamavam. Os rebeldes tinham ganho a partida.

Antes do grande banquete

O primeiro dia do reinado de Luiz não tardava terminar. Todavia, elle nem o ministro da Justiça nem os comparsas na autoria do golpe, haviam dado attenção a um terceiro elemento — os bolshevikis, que tambem tinham suas vistas sobre o palacio. Nessa noite Luigi dava um grande brodio para festejar o evento do seu reinado. Trazendo a rainha Victoria pelo braço, S. M. descia a grande escada ricamente atapetada que conduzia aos salões do pavimento inferior, e nesse mesmo momento o mordomo real, que era filiado ao partido bolshevista, introduzia no palacio, pela porta do serviço, vinte dos seus camaradas, devidamente encasacados como si fossem convidados para a festa real. Luigi divertiu-se naquella noite para o resto da sua vida. Dançou, palestrou, chegou mesmo a se apaixonar pela rainha Victoria. Mais tarde a ceia corria em meio da maior alegria, quando, subito, o mordomo apagou as luzes. Todos os convivas e o proprio Luigi pensaram tratar-se de mais uma sorpreza para divertimento da festa. E a sorpresa veio, effectivamente, na figura dos vinte bolshevikis, que, de revólver em punho, paralysaram a festança immobilisando cada conviva em seu logar.

O chefe do bando ordenou a Luigi que o seguissse, emquanto os seus companheiros faziam a colheita das joias das damas.

Uma graciosa rapariga de cabellos pretos, de olhos grandes e castanhos, que não era outra sinão a filha do dono de uma taverna distante tres minutos do palacio, foi o instrumento de que o destino se serviu para restaurar o rei Victor no seu throno e repôr Luigi na sua loja de barbeiro e frustrar o plano dos bolshevikis.

(*Termina no fim da revista*)

Chegou a apaixonar-se pela rainha...

COMO COMECEI A MINHA CARREIRA

(POR HOPE HAMPTON)

EU nasci no sul dos Estados Unidos. Quando estava terminando os meus estudos, num collegio afamado, me senti attrahida pelo palco, ouvindo falar no successo alcançado por uma conhecida minha.

O theatro para mim era um encanto, e, por alguns mezes, a minha maior ambição era me tornar uma grande artista. Quando deixei o collegio, os divertimentos me fizeram tirar todas essas idéas do meu pensamento. Tempos depois houve um concurso de belleza no meu estado natal e, um amigo meu, sem eu saber, enviou o meu retrato. Ganhei o primeiro premio e logo recebi innumeras offertas de contractos, que rejeitei para preparar-me primeiro. Fui para New York com meus paes e me matriculei na *Sargent dramatic school*. O curso era de dois annos, mas no fim do primeiro, o director me deu como prompta e observou-me que do que eu precisava era de tirocinio pratico e não escolar.

Organisei, então, a *Hope Hampton Prod. Inc.*, e o meu primeiro film foi *A modern Salomé*, baseado no poema de Wilde, adaptado e posto em scena por Leonce Perret. Este film, distribuido pela Metro, alcançou mais successo do que eu julgava.

Fui depois para a Europa, representei em Londres, Paris, Nice e em Monte Carlo, e creio que fiz sensação. Nesta ultima cidade, eu, Fannie Ward e Lily Langitri (Lady Bathe), organisamos o afamado "trio da belleza".

Voltei á America e fui para Oéste trabalhar em *The Bait* (A isca humana), escripta especialmente para mim por Maurice Tourneur.

Fui para New York outra vez, comecei a trabalhar no *studio* Paragon, depois fiz uma serie de films para o First National, e minha carreira continua...

Creio que obterei maior exito, porque eu amo o cinema e me sinto immensamente feliz trabalhando para elle!

☆ ☆ ☆

Esposas ingenuas, o celebre film de Von Stroheim para a Universal, foi muito discutido na Inglaterra e não mereceu o beneplacito da censura. Foi em varios logares muito cortado. Em Manchester foi absolutamente prohibida a sua exhibição, sob a pecha de *immoral*. Para isso concorreram a censura e a Associação de Defeza da Religião.

☆ ☆ ☆

As duas orphãs, de Griffith, um dos seus films mais discutidos e que na primeira representação mereceu mesmo ser assoviado e pateado em Paris, acaba de encerrar agora a sua primeira serie de exhibições (200 !) no Cine Max Linder.

☆ ☆ ☆

Flames of Passion, film inglez, interpretado por Mae Marsh, que para esse fim foi á Inglaterra, foi exhibido em Novembro no New Oxford Theatre obtendo um grande successo, sendo considerado uma obra prima. Foi vendido para a Allemanha por 30 milhões de marcos.

EM "FORGET ME NOT", DA METRO

DINHEIRO E JUIZO
(*Fim*)

dos dedos e se esgueirou por uma fresta do assoalho. Com um grito afflictivo, Hazel viu-o desapparecer. E se Rodgers já não houvesse adivinhado, esse grito, esse empallidecer da moça bastariam para lhe fazer conhecer toda a verdade.

— Mudei de idéa: levarei só dois pães, — declarou em voz sumida.

— Mas por que? Porque aquella moeda se sumiu pela fresta do assoalho? Isso não tem importancia: é só descer ao porão e logo a encontrarei! — declarou a rir, a voz vibrante de sympathia.

— Ah, não está, então, perdido? — interrogou a menina, encostando-se ao balcão, emquanto Rodgers a despachava.

Mas nunca tanto tempo levou ninguem para metter quatro pãesinhos dormidos num simples sacco de papel.

Hazel correu direito ao parque e ali buscou um logar afastado, onde pudesse fazer a sua frugal refeição. Tirou do sacco um dos pães e logo exclamou:

— Mas o moço enganou-se! Este pão é de agora! Está quente ainda...

Gulosamente, cravou os dentes na massa fragrante e macia, mas, dahi a pouco, as perolas dos seus dentes sentiram o contacto de um objecto resistente. Abriu, então, o pão, e, com pasmo, encontrou aninhado na massa um dollar em prata! Abriu um após outro, os demais pães, e cada um delles a favoreceu com igual offerta!

— Aquelle padeiro, decerto, percebeu o meu fingimento e adivinhou que aquelles dois *cents* eram tudo quanto eu possuia! Que bondade, que generosidade, a desse moço! Com certeza, elle tambem deu um pão áquella pobre mulher que entrou atraz de mim! Por isso, ella lhe agradecia tanto, com os olhos banhados de lagrimas!

E Hazel foi ingerindo os quatro pãezinhos, ao mesmo tempo que proseguia nas suas reflexões:

— Mas como póde elle fazer negocio deste modo? Com certeza, acabará por arruinar-se. Em pouco, haverá uma multidão á porta, á espera das suas generosidades. Depois, foi elle a unica pessoa que vi na loja... Não sei como elle dá conta do trabalho. Bem precisava que outra pessoa o ajudasse...

E assaltou-a logo uma idéa:

— E por que não hei de ser eu?

Quinze minutos depois, os olhos de David Rodgers defrontaram uma vez mais o lindo rosto ruborisado de Hazel, que levou um grande abalo ao coração do moço, quando lhe disse que desejava trabalhar ali na loja.

— Mas a senhora não está acostumada a trabalhar, — ponderou Rodgers.

— Mas sou forte e estou disposta a esforçar-me por dar conta das minhas obrigações! — declarou Hazel, com firmeza.

— Está bem: póde experimentar! — capitulou o mancebo, expandindo-se num sorriso.

Nunca a ninguem acudiria fazer de uma padaria o theatro de um romance. Mas o certo é que dahi a pouco houve no ambiente da lojinha mais do que a fragrancia do pão e o aroma espicaçante das tortas frescas e dos bolos de qualidade. Hazel e David sentiam bem as correntes electricas que pairavam na atmosphera e embebiam-se nellas como se embeberiam no perfume de uma braçada de rosas, abertas á luz dourada de uma lua de Maio.

Trabalhando sob a influencia de um tal estimulante, que admira que Hazel se fizesse eximia no preparo dos folhados finos, provecta na direcção administrativa da loja? Reinou, então, a prosperidade em casa de David Rodgers, cujos freguezes se rendiam sem combate á belleza, á graça e, especialmente, á affabilidade da nova empregada do estabelecimento.

— Temos ido tão bem (David contrahira a esse tempo o habito de só falar no plural), que podemos agora realisar um plano que, ha tanto, trago no espirito. Desejo dar aos pobres todo o pão que restar á noite. Haverá aqui á porta uma linha de necessitados, ao fim de cada dia, e teremos que dirigir a coisa muito bem para que não se produzam conflictos...

— Mas muitas pessoas que podem comprar são capazes de se aproveitar da regalia que pertence ás outras, — ponderou Hazel.

— Isso é questão de uma syndicancia na visinhança e de uma distribuição de cartões ás pessoas em condições de receber a esmola.

Hazel adheriu com enthusiasmo ao plano de Rodgers. Quando tudo estava prompto, elle adoeceu, porém. O excesso de trabalho nessa obra consagrada ao bem alheio acabára por prostral-o. Uma noite, Hazel foi encontral-o cahido na loja, sem sentidos. Tentou fazel-o voltar a si e bradou por soccorro.

Acudiu um medico, que mandou fosse David recolhido a um hospital.

Com o espirito a pairar sempre em volta daquelle leito de doente, Hazel procurava, agora, dirigir o trabalho no estabelecimento. A' noite, ao fechar a porta, corria, então, para junto de David, e ali ficava horas á sua cabeceira, com a mão do doente presa nas suas. O amor, até então só revelado por olhares furtivos, por velados accentos de paixão, declarava-se, agora, francamente.

— Amo-te, querida! — segredava David. — Casar-nos-emos logo que eu fique bom, sim?

Gravemente, os olhos humidos, Hazel debruçou-se para elle, encostou-lhe á fronte pallida o rosto afogueado, e respondeu num murmurio:

— Pois sim, mas fica bom depressa, supplico-te!

Uma apprehensão, porém, opprimia, cruelmente, David. A sua molestia prejudicara lhe o movimento da loja, e agora elle bem comprehendia que, por algum tempo, não poderia cogitar do projecto a que consagrára todo o seu coração.

— Não haverá tão cedo "o pão dos pobres", Hazel! — dizia elle, frequentemente.

Concursos cinematographicos do *PARA TODOS*

Grande concurso de 1922

Como nos annos anteriores resolvemos abrir um concurso cinematographico indagando de nossos leitores suas preferencias sobre os artistas, films e marcas no decurso do anno de 1922. Para esse fim publicamos abaixo um "coupon" que destacado e preenchidos os claros nos deve ser devolvido até o dia 31 de Março futuro.

1º—QUAL A ARTISTA QUE MAIS LHE ENCHEU AS MEDIDAS EM 1922?
2º—QUAL O ACTOR QUE MAIS LHE AGRADOU EM 1922 ?
3º—QUAL O MELHOR FILM DE 1922? FILMS APRESENTOU EM 1922 ?
4º—QUAL A MARCA QUE MELHORES

Iremos publicando a votação á proporção que recebermos os votos.

Concurso do PARA TODOS
— 1922 —

1º—*Qual a artista que mais lhe encheu as medidas em 1922 ?*
....
2º—*Qual o actor que mais lhe agradou em 1922 ?*
....
3º—*Qual o melhor film de 1922 ?*
....
4º—*Qual a marca que melhores films apresentou em 1922 ?*
....

Data .... (*Assignatura*)
....
Cidade .... *Estado* ....

— O senhor anda a remoer um pensamento qualquer que o afflige! — disse-lhe, um dia, o medico. — Pois trate de tirar isso da cabeça, e quanto mais depressa o fizer, mais depressa sahirá daqui. Se continuar a pensar nisso, é bem capaz de soffrer outro collapso!

A anciedade aggravava-se no coração de Hazel com o entendimento de que David estava ainda mortificado pelo mesmo pezar. Finalmente, foi ficando mais forte. A sua esplendida e sadia mocidade não consentiu ser por mais tempo subjugada. Mas não o desamparava a apprehensão de sempre.

Na vespera delle ter alta, Hazel, finalmente, perguntou-lhe:

— Mas, afinal, de que depende a creação do teu "Pão dos Pobres"? Só de dinheiro, não é verdade?

— Sim, de muito dinheiro! — respondeu Rodgers, com um suspiro de desalento.

Nessa mesma noite, Hazel telephonou a Geoffrey Stanhope, que rejubilou de saber della e fez questão de a ver pessoalmente. Hazel acceitou ceiar em sua companhia e, depois de lhe declarar a necessidade urgente que tinha de uns dez mil dollars, combinou visital-o em seu aposento, na noite seguinte.

— Decerto, menina. Disponha de mim para tudo quanto precisar.

Resolvida a sacrificar o seu amor proprio á definitiva convalescença de David e á realisação dos seus ideaes de philantropia, Hazel não se precaveu nas suas respostas áquelle homem astuto, que, de um modo indifferente, a sondava sobre o que fôra a sua vida, desde que deixára de vel-a.

Mas George Stanhope não era um mão homem, e porque queria muito bem a Hazel resignára-se á idéa de não ser amado por ella. Comprehendera, ao demais, que Hazel jámais renunciaria á sua dignidade sob a attracção das alegrias que o dinheiro póde comprar. Por isso, resolveu ir visitar, elle proprio, esse senhor Rodgers, com quem ella trabalhava, e cujo nome ella pronunciava sempre com um tão accentuado quebrado na voz.

Hazel foi visitar David ao hospital, uma hora antes delle dali se retirar.

— Que alegria ver-te, novamente, de pé! — disse a moça, contendo, a custo, as lagrimas nos olhos.

Elle colheu-a nos braços e beijou-a, longamente.

— Sinto-me contente de poder voltar ao trabalho. Infelizmente, vou ter que recomeçar tudo, desde o principio. A culpa não foi tua, bem sei. Demais fizeste tu, meu amor; mas, com o pessoal que tinhas, era impossivel repôr as coisas no seu pé primitivo. Vejo, porém, bem, pelas contas prestadas por ti, que por agora não posso cuidar do nosso "Pão dos Pobres"!

— Bom; não penses nisso! — atalhou Hazel, precipitadamente. — Talvez se encontre um meio de realisar os teus desejos. Sabes bem que não ha nada que eu não esteja prompta a fazer para te vêr contente e satisfeito!

— Vejo que te affligi, dizendo-te o meu pezar. Perdoa-me, sim? Corajosa e boa como és, não mereces que eu te afflija!

Ella riu-se, procurando dissimular a sua agitação, mas foi um riso contrangido e penoso.

Por um momento, Hazel teve-o cingido num longo amplexo amoroso. Mas logo, entregando-lhe o rosto ao derradeiro beijo, disse:

— Adeus, meu amor. Tenho que ir.

A's oito horas, lentamente, Hazel encaminhou-se para o aposento de Stanhope. Dir-se-ia que lhe pesavam, excessivamente, os pés. O seu coração palpitava numa furia que a fazia soffrer. E a promessa que fizera? Teria coragem de a cumprir? Não! Nunca!

Deu as costas á residencia de Stanhope e caminhou ás pressas, mas, aos seus olhos appareceu, nessa occasião, o rosto livido de David, com aquella expressão triste que não o largava agora.

— Pois seja! Por amor delle! — monologou, voltando de novo.

Geoffrey dera-lhe a chave do aposento. Dissimulando-se, esgueirou-se escada acima e enfiou a chave na fechadura. Lentamente, a porta abriu-se. Hazel hesitou ainda, buscou alliviar a garganta de uma oppressão que a affligia, de improviso. Transpoz a soleira e cerrou a porta atraz de si. Timidamente, encaminhou-se á sala. Um homem se levantou de uma cadeira. Ao lado, sobre uma mesa, havia uma lampada velada. Todo o resto do aposento estava escuro.

Ardiam-lhe, febrilmente, as faces, e os olhos eram como se uma chamma lh'os houvesse crestado.

— Vim, fiel á minha promessa! — disse.

O homem caminhou para ella, de braços estendidos. Hazel estremeceu, mas permaneceu immovel. Sentiu-se cingida nesses braços, e abriu então os olhos:

— David! — exclamou num grito.

— Sim, eu mesmo, meu amor! — disse o mancebo, a tranquillisal-a.

— Mas que fazes tu aqui? — disse, a custo, Hazel, antes que a suffocassem os soluços.

— Acalma-te, acalma-te, meu amor! Sei de tudo. Stanhope me foi visitar, e entre os dois, eu e elle, conseguimos adivinhar o teu plano. Stanhope é, porém, um nobre coração e foi elle que suggeriu que eu aqui viesse e te trouxesse a boa nova. Vae entrar para a nossa firma com todo o capital de que precisamos, e fal-o, sobretudo, pela alta conta em que te tem pelo respeito que lhe mereces, pelo muito que te deseja feliz!

— Quanta, quanta bondade delle. — disse Hazel, entre soluços. — E eu que o tomei por um satyro! E tu, David, não me desprezas por ter vindo aqui?

— Como te hei de desprezar se sei que te estavas sacrificando por mim? — exclamou o mancebo, com meiguice.

David puxou-a para si e os seus beijos enxugaram-lhe as lagrimas na face. Depois, escada abaixo, levou-a até a rua, adormecida ao luar.

E quem os seguisse, de braço dado, os olhos de um perdidos nos do outro, apparentemente esquecidos de todo o resto do mundo, decerto se maravilharia de ouvir como, entre as expansões do seu affecto, elles falavam, commercialmente, das grandes operações que haviam de abordar no dia seguinte.

REI, RAINHA, CORINGA

(Fim)

Naquella tarde ella suspirára pela centesima vez, desde a noite anterior, em que vira aquelle moço de physionomia triste, pequeno bigode retorcido, que, de olhos vendados, ella vira escoltado e conduzido para um pequeno quarto que ficava nos fundos do café de seu pae. "Como parece lindo!" disse ella comsigo mesma. "Si eu pudesse sentir os seus labios tocar os meus!" E dahi Beckie, a filha do taverneiro, resolveu conhecer si eram ternos os labios que ella desejára. Esperando que a noite avançasse, a rapariga dirigiu-se ao aposento do prisioneiro, apanhou a chave que estava pendurada á parede e penetrou no quarto. Vendo-a, o homem poz-se de pé, approximou-se da rapariga, e pela porta entreaberta olhou para o corredor. Não havia viv'alma. Sem mais detença elle saltou para a rua e disparou, pedindo ás pernas tudo quanto ellas podiam dar. E Beckie nunca saberia si era doce o beijo do seu principe louro, como não saberia nunca que naquelle momento ella transformava os destinos da sua bella terra. Porque, logo que o rei Victor chegou ao jardim do palacio foi reconhecido pelos guardas, chamou o capitão, contou-lhe o que se havia passado, reuniu as suas tropas leaes e deu o cerco ao palacio, e, em quinze minutos, estava dominada a situação. Vinte balas acertaram o alvo no corpo dos bolshevikis e Luigi voltou para a sua barbearia, onde, si as informações são exactas, elle continua a cobrar dez tostões por uma barba e mil e quinhentos por uma loção *baptisada*.

A DUVIDA

(Fim)

mon não poderia admittir semelhante hypothese. Como explicar então o acto do ricaço? O mais que podia fazer era acceital-o sem buscar-lhes as razões. Assim fizera. Contentava-se em constatar a sua felicidade actual e a felicidade que transparecia no rosto de Jeanne.

Um creado com uma salva em que se via uma carta veiu interromper a sua meditação.

A letra era-lhe conhecida. Dezenas de cartas haviam-n'a tornado familiar ao escriptor. Rico e celebre, o amor não tardara em chegar tambem, na pessoa de uma joven senhora linda e apaixonada. Mas, em vão buscava o caminho que a conduzisse ao coração do romancista. As respostas que recebia, eram desanimadoras. Em vão o perseguia, girando em torno delle, provocando-o, offerecendo-se. Pierre Aubry, retrahia-se, fugia, respondia-lhe sempre com as mesmas palavras: amando sua mulher, não queria enganal-a. Ainda na vespera desse dia recusara-se a corresponder ao amor que ella lhe offerecia. Mas a moça não desanimava, aquella carta, deveria ser a repetição de tantas outras que elle lia e dava a ler a Jeanne e que estava deitava ao fogo.

Enganava-se Aubry: outro era o teor da presente carta. Não quer enganar sua mulher? dizia a carta. Mas tem elle a certeza de que Jeanne merece tanto amor? Quem sabe se ella não é a primeira a dar-lhe motivos para buscar longe della um amor que ella talvez não lhe conceda? E insinua, por fim, que Jeanne tem um amante; quem? ...o odioso Termon? não, o excellente Ferneuil o melhor amigo do escriptor.

Aubey rasgou a carta com um movimento de despeito e um sorriso de desdem. Semelhante insinuação, partindo de quem partia, não merecia credito. Nunca Ferneuil séria capaz de enganal-o. Ferneuil, o seu unico amigo dos tempos de miseria,

testemunha das suas dôres e alegrias; o excellente Ferneuil que sempre tratara Jeanne como uma irmã. Não, acreditaria em tudo, menos nisto.

Mas é da essencia de certas denuncias, mesmo calumniosas, deixar um germem de duvida, uma suspeita persistente e obstinada que resiste a todos os esforços para expulsal-a.

Insensivelmente, Aubry se deixa levar a procurar nos gestos, nas palavras, nos olhares de Jeanne e de Ferneuil um vestigio, um indicio.

Sem o sentir repassa na memoria os menores gestos, as palavras mais innocentes trocadas entre elles. Nada, nada que revela uma intenção menos pura; nada que o possa inquietar.

E comtudo persiste e cresce a suspeita, a intranquillidade de espirito.

Foi então que lhe chegou aos ouvidos uma noticia que o aterrou, attingindo-o com a brutalidade de uma luz intensa ao bater nos olhos de uma pessoa habituada á penumbra: Ferneuil batera-se em duello com Termon, e a causa fôra Jeanne.

Era a certeza que lhe chegava, brusca e completa, crystallisando as suspeitas.

Ferneuil conheceu na physionomia transtornada do amigo, nas palavras entrecortadas que lhe dirigia a tremenda accusação. Em vão protestou, defendeu-se; em vão invocou o testemunho de Jeanne.

— Explica-me então o motivo por que te bateste com Termon, bradou Aubry enfurecido.

Ferneuil não respondeu. E o escriptor ia voltar as injurias com que o acabrunhava quando Jeanne interveio.

— Não, Pierre, não, exclamou ella com o rosto lavado em lagrimas. Ferneuil não é culpado; deixa-me explicar-te tudo. Se tens que soffrer, que seja, ao menos, por um motivo verdadeiro...

— Falla.

Ella começou a narrativa do seu infortunio. Vinha de longe; vinha do tempo em que elle era um escriptor sem fortuna e sem futuro, obrigado a vender as suas obras para não morrer de fome.

Não contente com roubar-lhe o fructo do seu talento, Termon buscava ainda roubar-lhe a mulher, a sua Jeanne... Fizelhe as propostas mais positivas e menos equivocas. Ella recusava sempre; amava o homem a quem dera o seu coração, e pobre como eram, amal-o-ia sempre.

Mas a miseria começara a sua obra de destruição. Pierre Aubry já não possuia o vigor de outrora, começava a produzir menos. Era o fim que se approximava. Que fazer? Lembrara-se então das palavas que Ferneuil dirigira um dia a Pierre: "Todos os meios são bons para vencer." Tinha em suas mãos um desses meios.

Assim, resolvida a sacrificar-se ao seu amor, nova Marion Delorme ella consente em dar-se a um novo Laffémas...

Foi este o segredo da celebridade de Aubry.

Mas Termon não se quiz contentar com Ora, aconteceu que Ferneuil, sem que dever conceder-lhe.

Quiz recomeçar. Jeanne recusou-se. Insistiu; restava-lhe um meio de dobrar Jeanne á sua vontade: ameaçal-a de revelar tudo a Aubry e envenenar dest'arte a vida dos dois esposos. Jeanne não se intimidou e repelliu-o com indignação. Ora, aconteceu que Ferneuil, sem que ella soubesse, fosse testemunha desta scena. Justamente revoltado com o procedimento de Termon, não hesitou em desafial-o. E tudo ficara terminado com a morte do miseravel.

Pierre Aubry ouviu tudo com a cabeça entre as mãos. Quando ella acabou elle abriu-lhe os braços. Era um perdão generoso, justamente devido a quem havia peccado por excesso de amor, com um fim generoso e nobre.

✣ ✣ ✣

"The famous Mrs. Fair" é uma das ultimas producções da Metro, dirigida por Fred Niblo, marido de Enid Bennett e interpretado por Marguerite de la Motte, Helen Ferguson, Carmel Myers, Huntley Gordon, Cullen Landis e Ward Crane.

✣ ✣ ✣

Mac Teague, a historia da vida de um dentista, de S. Francisco, escripta, por Frank Norris, será o proximo "film" de Von Stroheim, para a Goldwyn.

✣ ✣ ✣

Em "Minnie", film de Marshall Neilan, Leatrice Joy tem um magnifico trabalho de caracterisação.

✣ ✣ ✣

Jack Mulhall foi o artista escolhido para ser o galan de Norma em *Within the law*.

✣ ✣ ✣

Anna May Weng, Kenneth Harlan, Beatrice Bentley, Baby Marion, Etta Loo e Uring Young apparecem no film em cores da Metro "The toll of the Sea" que acaba de passar com extraordinario successo no Rialto, da Broadway, N. Y. C.

✣ ✣ ✣

"Em Merry-go-round", da Universal figuram Norman Kerry, Mary Phillbin, Dab Fuller e Cesare Gravina.

Graphologia

AVISO

Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

MARTHA (Manáos) — Ingenuidade espiritual, bancando lances idealistas que talvez procure realisar. Pelo menos tem presumpção de ser uma predestinada a figurar em cousas romanescas. Sua fantasia architecta complicações em que tem vontade de se envolver. Quasi perde a noção da vida real, tão enfronhada vive no sonho. E por isso o seu coração não tem tempo de exercitar a caridade.

DHALIA (São Paulo) — Está na vontade o traço notavel da sua letra. E' cautelosa, mas vae até o infinito, e, quando contrariada, reage em colera. O espirito é recto, altaneiro, pouco disposto a vibrações sentimentalistas, muito embora possua um coração muito generoso. Tambem se nota uma grande tendencia para negocios, uma bóssa commercial muito desenvolvida.

ACQUERANA (Riberão Preto) — Caracter sombrio, sem nenhuma scentelha de bom humor. Entretanto, está longe de ser um máo. Apenas recebe com indifferença as boas impressões da vida. As más, parece que as deseja... para confirmar o seu pessimismo. Grande na intelligencia, poderia ser um notavel se não tivesse a prevenil-o aquella feição sombria a que alludimos. O coração tambem é fechado.

W. MARIALVA (Maceió) — E' materialista o principal caracteristico da sua graphia. Assignala um grande predominio dos instinctos sensuaes, que são permanentes. O espirito é frio, inconstante, contradictorio. A vontade é forte, mas irregular e sobretudo bastante desorientada. Um grande egoismo se manifesta tanto de ordem moral como de ordem material. Ha indicios de muita expansibilidade, mas sem caracter sincero.

FE' (Manáos) — Natureza de algumas exuberancias, mórmente cordiaes. Pouca firmeza espiritual: ora para o norte, ora para o sul. Mas essa inconstancia não tem assento na maldade e sim apenas na fraqueza do espirito. Muito sonho vão, repousando numa confiança em si, por demais exaggerada.

PRAXITELES (São Paulo) — Apparencia de santo: manso, pacifico, discreto e timido. Mas interiormente com forças para reagir contra possiveis fraquezas. Na ordem material grande apego ao dinheiro e uma decidida vocação para a multiplicação, por qualquer fórma. Um grande contraste com a impressão da sua apparencia passiva. Tambem se percebe um traço artistico, que, pelo menos, denuncia notavel bom gosto. E quanto ás virtudes do coração tem-n'as realmente muitissimo apagadas: quasi se não percebem.

TOILETTE (Rio) — E' uma voluntariosa. Não se conforma com a indifferença e muito menos com a quietitude. Procura sempre fazer alguma cousa. Tem o espirito muito vibrante, quasi sempre bem orientado. E' investigadora. Compraz-se em analysar temperamentos e corações. Desillude-se frequentemente, mas tem grandeza d'alma para proseguir sempre em seus intentos. E' idealista, mas não perde o censo pratico da vida. Tem um excellente coração, mórmente para os humildes.

MARIA STUART (Pernambuco) — A causa da sua incerteza é a vontade, ora forte e ambiciosa, ora fraca e conformada com o que tem. A esses momentos correspondeu os estados d'alma que descreve. Mas o seu caracter é excellente, orientado sempre á rectidão e á bondade, servido como é por um coração muito sensivel. Seus instinctos sensuaes são notaveis, mas "controlados" por uma grande timidez. Ha tambem muito idealismo de permeio. Difficilmente acha o alvo dos seus ideaes... E' generosa, e esse seu altruismo concorre muito para lhe attrahir sympathias e mesmo dedicações.

ALMOFADINHA (Manáos) — Pelo pouco que escreveu apenas se póde dizer que é um expansivo, mas sem a equivalente sinceridade. Vê-se que apenas tem o "vicio" de falar, pois seu espirito é um tanto frio e indifferente. Parece andar sempre abstracto, voluntariamente alheiado ás lutas sérias da vida. Sua vontade é inconsequente: ás vezes forte, ás vezes hesitante, sendo este o estado em que mais permanece. Tem bom coração para com certas pessoas; para outras mostra-o endurecido.

ALMA TRISTE (Guaratinguetá) Grande energia de caracter, pelo menos apparentemente. De facto, não lhe escasseiam qualidades voluntariosas, que, ás vezes, manifesta, através de alguma colera. E' um tanto sonhadora e orgulhosa, tendo um culto especial á pecunia. Não é, porém, avarenta. Gosta de fazer prevalecer a sua opinião, sendo mesmo um tanto soberba. Seu coração é muito caprichoso, é certo que fundamentalmente bom.

BEMBEM (Rio) — Intelligente, alegre, perspicaz — eis tres qualidades que ninguem lhe póde negar. Teve um grande ideal na vida que realisou através de muitas incertezas e receios. Vê-se que hoje se sente feliz. Tem um bello instincto para negocios e sente, provavelmente, não ser do sexo opposto para poder desenvolver essa bóssa commercial. Possue muita bondade cordial e seus instinctos sensuaes não contam com a idade. Sua convivencia é assás agradavel.

GERTRUDES (Alliança) — Não é possivel esconder a má impressão causada pelos traços espirituaes, tão engalfinhados uns com os outros, demonstrando não só graves indecisões, mas principalmente contradições pasmosas. Deve ser difficil comprehendel-a e muito mais lidar comsigo sem aborrecimentos. Sua tendencia sonhadora ainda mais a alheia da convivencia commum, por ter fumaças de grande originalidade e pretender o "contrôle" das creaturas que a cercam. E' assim uma isolada moralmente — o que, aliás, parece agradar-lhe muito... A sua vaidade assim o determina. Entretanto, em presença de infortunios o seu coração abre-se em imprevista bondade.

H. H. H. (Rio) — Exquisitão! Tem uma grande intelligencia, mas só se serve della para uso interno. Fecha-se numa vaidade extraordinaria, querendo que o adorem. E como isso não é facil, exaspera-se. Não tem outra explicação a sua colera. Ao mesmo tempo quer passar por democrata, por bemfazejo; mas, por mais que o tente, não consegue impôr nenhuma dessas qualidades. D'ahi tambem outros impetos colericos. O perigo maior está na sua teimosia, que é enorme e não deixa ver um raio de esperança no sentido de sua transformação.

Um conto para todos

A MÃO DO MACACO

LA' fóra a noite é fria e humida, mas, no pequeno salão da Villa Laburnain, bem fechadas as portas, o fogo crepita alegremente. Pae e filho estão jogando o xadrez. O primeiro collocava o rei em tão perigosas situações que provocava commentarios da parte da velha senhora sentada a fazer meia, junto ao fogão.

— Vocês ouvem o vento a assobiar? — disse o Sr. White, querendo com isso desviar a attenção do filho de um erro fatal em que elle incorrera no jogo.

— Ouvimos, sim senhor! — respondeu o filho sem levantar a vista do taboleiro. — Cheque!

— Duvido que venha esta noite! — continuou o velho, com o braço suspenso sobre as pedras.

— Mate! — interrompeu por sua vez o filho.

— Ahi está o resultado de morar tão longe! — tornou o Sr. White, com ares de recriminação tanto mais violenta quanto mais imprevista. — De todos os logares retirados é este sem duvida o peor. A calçada é verdadeiro lodaçal e a rua rio caudaloso. Eu gostava de saber em que é que pensa essa gente a cargo de quem estão estas coisas... Lá pelo facto de só aqui haver duas casas occupadas não se segue que não se trate do bem-estar de quem nellas móra.

— Socega, meu bom amigo, socega! — acudiu ternamente sua mulher. — Ganharás a proxima partida... Socega!

O Sr. White levantou a cabeça rapidamente, o bastante para interceptar um olhar de intelligencia entre mãe e filho. Morreram-lhe nos labios as palavras que elle ia a dizer, e dissimulou, passando os dedos por entre as barbas grisalhas.

— Chegou! — disse Herbert, o filho do casal White, ouvindo fechar-se a cancella do jardim e que alguem caminhava para a porta de entrada da casa.

O bom velho levantou-se solicito, e passou ao corredor de onde, em pouco, se ouviram algumas phrases amaveis dirigidas ao visitante. Depois, voltou acompanhado de um individuo corpulento, de rosto rubicundo.

— Meu amigo Morris! — disse White apresentando-o.

O visitante apertou as mãos que se lhe estendiam e tomou assento no logar que lhe designaram, emquanto White se apressava a trazer uma garrafa de whisky e copos, e punha no fogo uma panella de cobre.

Quando tomou o terceiro copo, Morris começou a falar. O pequeno circulo de ouvintes contemplava com crescente interesse aquelle homem, chegado de remotas terras, que se resfestelava na cadeira, a contar coisas selvagens e proezas selvagens.

— Como eu tenho agora pena de não ter ido comtigo até ás Indias! — disse o Sr. White.

— Pois eu acho que fizeste melhor em não ir! — retorquiu Morris.

— Ao menos, para ver os fakires, os templos antigos e outras curiosidades... A proposito: o que é que tu me começaste a contar a respeito da mão de um macaco?

— Deixemos isso, White... E' coisa sem interesse... Vocês são capazes de pensar que é feitiçaria.

— Conte! Conte!

E os tres ouvintes inclinaram-se com avidez. O visitante levou distrahidamente aos labios o copo já vasio, que White tornou a encher, e falou ao mesmo tempo que procurava alguma coisa nos bolsos:

— Ao vêl-a, parece uma mão como todas, ainda que um pouco menor e dissecada como as de uma mumia.

Depois, tirou um objecto que mostrou curiosamente. Os velhos tiveram um pequeno gesto de repugnancia, mas o rapaz poz-se a examinal-o com curiosa attenção.

— Mas, que tem isto de extraordinario? — fez o Sr. White, a quem o filho a havia passado.

E depois de a examinar, pôl-a sobre a mesa.

— Um velho fakir, um santo homem, dotou-a de um poder magico! — disse Morris. — Queria elle provar que a fatalidade preside os destinos humanos, e que os que querem modifical-a o fazem sempre com prejuizo para elles. Pelo mysterio desta mão, póde, cada uma de tres pessoas distinctas, ver realisados tres desejos.

A entonação que Morris dava ás palavras era tão impressionante, que os tres ouvintes experimentaram uma sensação de angustia.

— Ora, vamos... — disse Herbert — por que é que o nosso amigo não formulou já esses tres desejos?

— E quem lhe disse que os não formulei já? — replicou Morris, empallidecendo horrivelmente.

— E realisaram-se? — perguntou a senhora White.

— Sem duvida! — tornou Morris, os dentes batendo nervosamente na borda do copo que elle de novo levára aos labios.

— E alguma pessoa mais poz á prova tambem o poder do talisman? — insistiu a senhora.

— Só sei de uma... Um rapazola que pediu a morte... Foi por isso que a mão passou para mim.

A expressão do rosto de Morris era tão grave, que se fez no grupo profundo silencio.

— Mas, nesse caso, Morris — disse por fim o velho White — se já formulaste os teus tres desejos e foram satisfeitos, a mão não te serve de mais nada. Por que não a passas a outro?

— Nem eu sei bem porque... Ha tempos pensei em vendel-a, mas pensei tambem que não encontraria comprador. Alguns que simularam acreditar no que eu dizia della, quizeram experimental-a antes de m'a pagarem. Por outro lado, não fiz grande força, tantas são as desgraças que ella tem causado.

— Ouve! — tornou a dizer o Sr. White. — Se pudesses ter direito a que ella te satisfizesse outros tres desejos, intentarias a prova?

— Não sei! — replicou Morris. — Não sei!

Depois, num gesto brusco e rapido, jogou a mão ao fogo. Mais que depressa, o velho White se abaixou e a tirou do fogão, dizendo:

— Não! Isso não! Se não precisas della dá-m'a...

— Toma bem nota, para me não accusares depois. Eu não t'a dei... Arrojei-a ao fogo, de onde tu a tiraste...

— Vamos ao que importa! — epilogou o velho White. — Como é que se faz para a gente pedir o que quer?

— Toma-a na mão direita e formula o teu desejo em voz alta... Mas, previno-te mais uma vez, não me tornes a culpa do que possa acontecer.

— Parece-me conto das mil e uma noites! — disse a velha senhora, dispondo-se a servir a ceia. — Veja se póde arranjar para mim umas oito mãos eguaes a esta. Sr. Morris...

— Pae e filho riram ruidosamente. Morris, porém estava sério e grave.

— Olha, White! — disse elle. — Ao menos, se teimares em pedir alguma coisa, sê sensato...

Chegaram-se as cadeiras para a mesa e a ceia começou, não se falando mais do talisman. Morris contava, então, as suas aventuras nas Indias.

— Se a historia da mão do macaco é tão verdadeira como essas que elle acaba de nos impingir — disse Herbert, quando o major sahiu — o talisman não vale dois caracóes. Em todo caso, vamos experimentar... Acho que papae deve pedir que ella o faço imperador...

O velho examinava de novo a famosa mão. Depois, falou:

— Verdadeiramente, não sei o que hei de pedir... Parece-me que temos tudo o que poderiamos desejar.

O rapaz interrompeu-o:

— Essa é boa! Tenho ouvido tantas vezes dizer a papae que se consideraria feliz se pudesse pagar nos vencimentos as duzentas libras que faltam para o total da compra da casa... Está ahi uma occasião esplendida... Peça as duzentas libras!

O Sr. White sorriu timidamente, pela sua credulidade, levantou o talisman e pediu em voz bem clara:

— Desejo ter duzentas libras!

O rapaz sentára-se ao piano, de caçoada, e saudou com um forte "trémolo" as palavras do pae, mas este soltou um grito; de olhos fitos na mão do macaco que elle deixára cahir.

— Oh! Quando formulava o meu desejo, ella mexeu-se-me entre os dedos, retorcendo-se como uma serpente.

— Mas, o dinheiro? Onde está o dinheiro? — disse Herbert, apanhando o talisman e pondo-o de novo sobre a mesa. — Vou apostar em como a gente nem sequer lhe sentirá o cheiro...

— Parece-te? — indagou a senhora, do marido.

— Não sei... Entretanto, confesso que isto me emocionou fortemente.

Depois, sentaram-se junto ao fogo, todos, até que os dois homens fumaram seus cachimbos. Lá fóra, o vento soprava com mais violencia do que nunca. Ao ruido de uma porta, que bateu no andar de cima, White teve um sobresalto nervoso. Na familia, o silencio era então fóra do commum, meio angustioso, prolongando-se até ao momento em que o casal se preparou para recolher.

— Tenho cá um palpite — disse Herbert — que papae vae encontrar o dinheiro debaixo da almofada, dentro de uma bolsa, e que alguma coisa monstruosa e horrivel, trepada sobre o guarda-vestidos, assistirá á operação...

Deixou-se ficar depois, de olhos fitos sobre o fogo expirante, onde viu bailar todo genero de fórmas fantasticas. A ultima era tão espantosa, com seus gestos sinistros, que elle atemorisou-se. Pareceu-lhe ver tão nitidamente animar-se de vida, esse vulto, que instinctivamente procurou com a mão, sobre a mesa, alguma coisa que lhe pudesse atirar. Só encontrou, porém, a mão do macaco, e esse contacto impressionou-o de tal modo que, logo a seguir e apressadamente, correu para o seu quarto.

No dia seguinte, ao refulgir do sol, que punha chispas de luz nos crystaes da mesa, Herbert riu de seus temores da vespera. A sala respirava agora um ar de prosaica tranquillidade que lhe faltava na noite anterior. A mão do macaco, secca e denegrida, fóra posta num dos cantos da crystaleira, com uma despreoccupação tal que bem revelava a nenhuma fé no seu poder.

— Afinal, todos estes velhos soldados se parecem uns com os outros! — disse a senhora White. — E' preciso ser muito ingenuo para se acreditar nas lorótas delles... Vejam lá se é possivel, nos tempos de hoje, uma coisa dessas! Demos de barato que a mão tivesse o tal condão... Como é que chegariam as duzentas libras?

— Ora essa! Cahiriam do céo! — respondeu Herbert caçoando como de costume.

— Vocês, então, não deram attenção ao que Morris contou! Segundo elle diz, as coisas dão-se tão naturalmente que o facto se pode attribuir a simples coincidencia! — observou o velho.

— Muito bem! — tornou Herbert preparando-se para sahir. — Só peço que não gastem o dinheiro antes de eu voltar e que não se façam, do mesmo modo, avarentos!

A boa senhora sorriu e, acompanhando o filho até á porta do jardim, seguiu-o com os olhos, rua abaixo, até elle desapparecer. Depois, voltou para a mesa a rir da ingenuidade do marido, o que não foi obstaculo para correr á porta quando alguem bateu, e voltasse de lá a protestar contra os máos costumes dos militares velhos, ao ver que era o carteiro a trazer-lhe uma conta da modista.

— Garanto! — dizia o marido, — que ella se remexeu toda em minhas mãos, como uma cobra.

— Confusão tua, meu velho! Coisas da imaginação...

— Que historia! A imaginação não entrou nisto... Apenas... Mas... O que é que ha?

A senhora White não respondeu... Observava pelo espelho da crystaleira os movimentos mysteriosos de um desconhecido que, indeciso, olhava a casa, parecendo querer entrar. Com o espirito preso á perspectiva das duzentas libras, a boa senhora notou desde logo que o desconhecido vestia elegantemente. Por tres vezes elle se approximou do jardim e por outras tantas se retirou. Por ultimo, adeantou-se e com mostras de uma subita resolução, abriu a porta e entrou. A senhora White tirou logo o avental e escondeu-o sob os almofadões da sua poltrona. Depois introduziu na sala o visitante que parecia sentir-se acanhado, ouvindo preoccupado o que ella dizia a desculpar-se do desarranjo da sala e do traje do marido, que era aquelle com que tratava do jardim.

— Pediram-me que viesse aqui... — disse, afinal, o desconhecido. — Venho da parte dos Srs. Maw e Maggins.

A anciã estremeceu.

— Mas... O que ha? Acaso... terá acontecido alguma coisa a Herbert? O que foi? O que foi?

O marido interveiu:

— Já tu estás a aventar coisas... Senta-te... Não é verdade, meu caro senhor, que nada ha de máo?

— Deploro — começou a dizer o visitante.

— Está ferido? — interrompeu a pobre mãe.

— Horrivelmente! — continuou elle. — Foi colhido por uma engrenagem.

— Oh! Era o nosso unico filho...

— A casa, porém, não obstante não ter no caso a menor responsabilidade, entende indemnisar os senhores pela perda de Herbert, attendendo os serviços por elle prestados. Os srs. Maw e Maggins encarregaram-me de lhes entregar a quantia de duzentas libras.

Sem ouvir o grito angustioso de sua mulher, o Sr. White estendeu os braços, como homem que repentinamente cegasse, e caiu ao solo á semelhança de uma massa inerte.

Os esposos White enterraram seu querido defunto no novo cemiterio, que distava um par de milhas da casa, cheia de sombra e de silencio. Passados dias, a dôr foi cedendo logar á resignação, a essa resignação sem esperança, de velhos, chamada, ás vezes, impropriamente, apathia. De tarde em tarde trocavam entre si algumas palavras, porque mais nada tinham a dizer um ao outro, passando-se os dias em meio de mortal fastidio.

Certa noite, uma semana depois, o Sr. White, acordando, notou que estava só e por entre a profunda escuridão que enchia o quarto, divisou a esposa perto da janella a chorar.

— Vem deitar-te... Apanhas muito frio ahi...

— Muito mais terá meu filho! — respondeu a anciã chorando amargamente.

O rumor dos soluços se desvaneceu pouco a pouco aos ouvidos delle. O calor do leito e o cansaço cerraram-lhe as pupillas, mas, um grito agudo o despertou de novo um grito penetrante de sua mulher.

— A mão?... Onde está a mão do macaco? — gritava ella.

White, assustado, perguntou, por sua vez:

— Mas o que é? O que tens, pobre esposa?

— Quero-a... Onde a puzeste?

— Sobre a crystaleira... Por que? O que queres? Ella chorava e ria ao mesmo tempo...

— Que idiotice! — dizia a anciã. — O' senhores por que não me lembrei eu mais cedo? E tu... tu, porque não pensaste nisto?

— Mas, pensar em quê?!

— Nos outros dois desejos que faltam... Por emquanto só manifestámos um.

— E não te bastou esse? — grunhiu elle.

— Não! Precisamos outro. Vae buscar a mão...

Tral-a e pedo isto assim: O' filho querido... Eu quero o meu filho!

— Grande Deus! Enlouqueceu, a pobrezinha.

Ella retrucou:

— Não gostavas de ver de novo, nosso filho vivo? Vae buscar a mão... Anda, vae... Pois se o nosso primeiro desejo foi satisfeito, por que o não ha de ser o segundo?

— Foi coincidencia, acredita! Pura coincidencia!

— Vae buscar a mão e faze o que te peço! — tornou ella com a voz apagada pela emoção.

O marido voltou-se para vel-a melhor e disse-lhe temeroso:

— Morreu ha dez dias, minha filha... Lembra-te como elle morreu... A gente só o reconheceria pela roupa... Estou certo de que, vel-o te causaria horror.

— Fal-o voltar! Tu julgas que eu possa ter medo do filho que eu gerei e criei?

E puxou seu marido para a porta.

White desceu ao andar terreo e, mesmo ás escuras, achou o talisman, no mesmo logar em que o deixára, sentindo ao seu contacto um terror enorme. E se os restos mutilados de seu filho, resuscitados pelo desejo não formulado ainda, lhe apparecessem antes delle sahir da sala? O sangue gelou-se-lhe nas veias quando, andando ás tontas, não atinou com a porta. Com a fronte inundada de suor frio, deu voltas ao redor da mesa e caminhou depois collado á parede até dar com o estreito corredor. Levava na mão o objecto maldito.

Em cima, no quarto de dormir, tudo lhe pareceu mudado. O proprio rosto da esposa tinha outro aspecto. Estava de espantosa lividez. Chegou a ter medo della.

— Deseja!... Pede! — exclamou ella com energia.

— E' uma loucura... e um crime! — balbuciou.

— Pede! — repetiu.

White levantou a mão.

— Desejo que meu filho volte á vida.

O talisman rodou pelo chão, sob um olhar de terror do velho. Depois, White, com um calafrio a percorrer-lhe o corpo, deixou-se cahir numa poltrona, emquanto a esposa ia á janella, descerrava as cortinas, olhando anciosamente para fóra. Continuava immovel, transido de frio. De quando em quando, deitava um olhar á mulher, que, por sua vez, interrogava sem descanso a escuridão da rua. O côto de vela, que ardia no candelabro de bronze, projectava no tecto e na parede resplendores macabros. Depois, ao cabo de algumas vacillações, apagou-se.

Com um sentimento de indizivel allivio, o ancião comprovou a inefficacia do pedido, e tornou a entrar na cama, reunindo-se-lhe a mulher dois minutos depois. Não trocaram palavra... Deitados ao lado, um do outro, escutavam o tic-tac do relogio... Rangeu um degráo da escada... Um rato atravessou o aposento... A escuridão era aterradora... Enchendo-se de coragem, White accendeu um phosphoro e desceu da cama em busca de uma vela.

No fundo da escada já, apagou-se-lhe a luz ao mesmo tempo que alguem batia na porta da rua uma pancada, tão debil, tão discreta que foi quasi imperceptivel. O terror paralysou o ancião. Cahiu-lhe da mão a caixa de phosphoros, espalhando-se pelo chão o conteudo... Segunda pancada... Ahi, White, não quiz saber de mais nada... Subiu apressadamente a escada até ao quarto e fechou a porta atraz de si... Terceira pancada se fez ouvir no silencio da casa.

— O que é isso? — indagou a senhora, prestando attenção.

— Nada... Ratos talvez... — respondeu White, cujos dentes se entrechocavam... Passou-me mesmo um, ha pouco, pelos pés, na escada.

Ella, sentada no leito, escutava sempre. Uma pancada mais forte fez estremecer a porta.

— E' Herbert!... — exclamou a senhora White... — E' Herbert!

E correu para a porta, mas elle, adeantando-se, impediu-lhe a passagem, tomando-lhe a mão.

Presentiu o abominavel espectaculo que devia offerecer o cadaver resuscitado com todo o horror da monstruosa mutilação que lhe causára a morte, com todo o horror que a isso ajuntára a podridão da tumba.

— Que vaes fazer? — murmurou com voz rouca

— E' meu filho... E' Herbert! Deixa-me passar!

— Pelo amor de Deus, que não entre! — regougou White, a tremer.

— Dar-se-á acaso que tenhas medo de teu filho? Deixa-me!... Deixa-me!... Herbert! Oh! filho meu!

Entretanto, succediam-se os pancadas na porta, com pequenos intervallos. Num supremo esforço, a senhora conseguiu livrar-se e correu para fóra do quarto. O marido seguiu-a, a pedir-lhe que não continuasse. Ouviu o ruido que ella fez a tirar a corrente de ferro, e o ruido de uma fechadura a abrir-se... Começou, de gatas pelo chão, a procurar a mão do macaco. Se pudesse encontral-a antes daquillo entrar em casa? Novas e repetidas pancadas quebravam o silencio, e aos ouvidos de White chegou o ruido de uma cadeira a arrastar-se pelo chão, que a sua mulher, sem duvida, iria encostar á porta para poder alcançar a fechadura de cima. Já percebia distinctamente o chiar da chave a dar-lhe volta... Achava nesse momento a mão do macaco... E, vencido pela agitação em que estava, deliberando como um demente, formulou seu ultimo desejo: "Que não entre! Que o cadaver desfigurado fique na sua cova!"

As pancadas cessaram no mesmo instante, ainda que continuassem no silencio da casa as suas vibrações... A senhora White abria nesse momento a porta. Um sopro de vento glacial varreu a escada... Um profundo suspiro, um gemido que escapou do peito oppresso da senhora White deu-lhe animo para chegar á porta e espiar... A' luz de um bico de gaz que ardia no passeio fronteiro, viu sómente a rua tranquilla e deserta.

W. W. JACOBS.

Leitura para todos é o magazine mensal por excellencia. A abundante e escolhida materia de seu texto attrahente vem intercalada de finissimas trichromias.

Preço: no Rio, 1$500; nos Estados, 1$700.

A maior descoberta para a SYPHILIS
O ELIXIR "914"
Unico especifico proprio para as creanças
—x—
Ill.mos. Srs. Galvão & C.
S. Paulo.
Attesto que tenho usado em diversos doentinhos deste Hospital o ELIXIR 914 com magnificos resultados, sobretudo num caso de eczema generalisado que estava em tratamento ha já muitos mezes e que no fim do terceiro vidro do ELIXIR 914 apresentava-se curado.
(Assignado) D.na Celesa P. Soares.
Directora do Hospital das Creanças Cruz Vermelha Brasileira
(Firma reconhecida)
Encontra-se em toda parte
E' O UNICO DEPURATIVO ATE' HOJE USADO NOS HOSPITAES
O ELIXIR 914
PORQUE E' O UNICO QUE NÃO ATACA O ESTOMAGO
Porque é o unico que combate a Syphilis. Evita os abortos e a tuberculose nos individuos atacados de Syphilis. 90 °|° dos individuos que têm Syphilis estão propensos a tuberculose. Cada 10 nascimentos 9 crianças nascem mortas quando os paes são Syphiliticos. Não ha mais duvidas sobre o effeito do Elixir 914 A prova é que está sendo usado nos hospitaes. Não se deve tomar depurativos sem experimentar o Elixir 914. Substitue com vantagem o Xarope Gibert e Deret. Em todas as
— Drogarias do Brasil —

Off. Graphica d'O MALHO